

e-book

ANTOLOGIA LITERÁRIA



AIL



EDITORA BECALETE
Livros e Encantos

AIL



ANTOLOGIA LITERÁRIA

e-book



EDITORA BECALETE
Livros e Encantos

MOGI GUAÇU/SP

2024

Proibida a reprodução total ou parcial dos textos desta obra sem prévia autorização do seu autor ou do seu responsável legal. Direitos reservados.

Ficha técnica

Editor: Luciano Becalete

Coeditora: Fabiana Lourenço Becalete

Assistente Editorial: Letícia Batista Macêdo

Assessoria bibliotecária: Maurício Amormino Jr.

Diagramação: Potira Manoela de Moraes

Imagem de capa: Acervo público digital

Obra catalogada conforme regem as normas editoriais.

O conteúdo desta obra foi liberado e autorizado para fechamento mediante verificação dos arquivos finais pelo autor e/ou seu responsável legal.

As ideias aqui expressas são de inteira responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a opinião da editora.

Editora Becalete

Livros e encantos

contato@editorabecalete.com

editorabecalete@gmail.com

www.editorabecalete.com.br

@editorabecalete

Essa obra destina-se exclusivamente para leitura em dispositivos eletrônicos compatíveis, como tablets, smartphone e PCs com seus devidos softwares de leituras instalados.

Essa obra não é destinada para impressão conforme a sua catalogação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A634 Antologia literária [livro eletrônico] / Coordenadora Estella Parisotto Lucas. – Mogi Guaçu, SP: Becalete, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7214-111-6

1. Literatura brasileira – Miscelânea. 2. Contos. 3. Ficção.
4. Poesia. I. Lucas, Estella Parisotto.

CDD B869.8

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



ANTOLOGIA LITERÁRIA AIL

Coordenação Geral: Estella Parisotto Lucas

Comissão Responsável:

Estella Parisotto Lucas
Haroldo Augusto Moreira
Marileide Lonzetti
Samara Miranda
Zeni Maria

As ideias defendidas e opiniões expressas em cada texto são de responsabilidade de cada autor, não expressando, necessariamente, as verdades defendidas pela Academia Itapemense de Letras. Cabe, portanto, a cada autor, o cuidado e o respeito pela autenticidade do conteúdo apresentado.

ACADEMIA ITAPEMENSE DE LETRAS — AIL

CONHEÇA UM POUCO MAIS SOBRE A AIL EM:

Redes Sociais: @academiaitapemensedeletras

Blog: <https://ailnovoblog.blogspot.com>

**ITAPEMA-SC
2023**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CADEIRAS, PATRONOS E MEMBROS AIL	13
DIRETORIAS AIL.....	19
BANDEIRA AIL	21
PREFÁCIO	23
HOMENAGENS.....	33
MARIA DE LOURDES CARDOSO MALLMANN.....	33
PEDRO DE QUADROS DU BOIS	39
POESIAS, CONTOS, CRÔNICAS, PENSAMENTOS.....	45
ANDRÉ GOBBO.....	47
CARLOS HIGGIE	55
CÁSSIA CRISTINA DA SILVA.....	65
EDUARDO BARBOSA.....	71
ESTELLA PARISOTTO LUCAS.....	85
HAROLDO AUGUSTO MOREIRA	101
ILDA HELENA CEZAR	113
IVO GOMES DE OLIVEIRA	127
JUELY ANETE TORTATO	139
LUIZA MACHADO DOS SANTOS.....	151
MAGNUS FRANCISCO ANTUNES GUIMARÃES.....	157
MAIRA GLEDI FREITAS KELLING	171
MARILEIDE LONZETTI.....	185
MARISTELA OLIVEIRA ROCHA	197
SAMARA MIRANDA	207
TATIANA TESTONI COELHO.....	219
VERA REGINA WOLF SCHÜSSLER.....	233

ZENI MARIA.....	245
MEMÓRIAS EM FOTOS	257

APRESENTAÇÃO

ACADEMIA ITAPEMENSE DE LETRAS — AIL

A Academia Itapemense de Letras — AIL nasceu a partir de um Projeto de Extensão do Curso de Letras do Campus de Itapema da UNIVALI, na época, dirigido pelo Professor Francisco Antônio dos Anjos, que possibilitou que a mestra e professora de Literatura Iara de Oliveira e o jornalista André Gobbo estudassem e articulassem, com outros escritores locais, a criação de uma Academia de Letras em Itapema.

Na tarde do primeiro dia de setembro do ano de 2000, na Academia Catarinense de Letras, em Florianópolis, o sonho tornou-se real, quando tomaram posse os primeiros 14 membros da nova Academia que nascia. Assinaram a Ata de Fundação: André Gobbo; Arlene Córdova Lisboa do Nascimento; Carlos Higgie; Deolir de Souza Machado; Francisco Antônio dos Anjos; Iara de Oliveira; Ilda Helena Cezar; Juely Anete Tortato; Luiza Machado dos Santos; Maria de Lourdes Cardoso Mallmann; Marileide Lonzetti Skovronski; Marilê Lúcia Dinon Lourenço da Silva; Ofélia Terezinha Baldan e Odir Flávio do Nascimento.

A posse oficial, em Itapema, aconteceu numa sessão solene na Câmara de Vereadores, na noite de 14 de setembro do mesmo ano, com a presença de autoridades, convidados e familiares, uma noite que marcaria a cultura do município.

O primeiro presidente da AIL foi o jornalista André Gobbo, que dirigiu a Associação nos seus dois primeiros anos. Em sua gestão, em 2001, foi realizado o primeiro Concurso Literário Cecília Meireles.

No ano seguinte, em 2002, foi eleita a Segunda Diretoria, tendo como presidente a acadêmica Maria de Lourdes Cardoso Mallmann. Nessa gestão, realizou-se o Primeiro Simpósio Sul Brasileiro, reunindo, em Itapema, as Academias de Santa Catarina, do Paraná e do Rio Grande do Sul.

Em 2004, foi eleita para exercer a presidência a acadêmica e professora Marileide Lonzetti e, em 2005, realizada a primeira edição do Concurso Literário O Pensador, que se tornou uma ação tradicional da Academia.

Durante os anos iniciais, o quadro de membros da Academia foi sendo gradativamente modificado com a entrada, a partir de 2002, de novos membros e a saída de alguns. Um movimento natural, que mantém reunidos aqueles que se identificam com a proposta da associação cultural.

No ano de 2006, foi a vez da professora Ilda Helena César assumir a presidência. Sempre muito envolvida com a Educação no Município de Itapema, a congreira aproximou ainda mais a Academia das escolas.

Na gestão seguinte, de 2008 a 2010, assumiu a presidência o acadêmico e escritor Pedro de Quadros Du Bois, que, juntamente à Mariazinha, promoveu a ação Poemas no Ponto de Ônibus.

Em 2010, a professora Maira Kelling assumiu como presidente até 2012, dando continuidade às ações anuais promovidas pela Academia, como a edição V do Concurso Literário O Pensador, tendo como homenageado o escritor Franklin Cascaes.

Após um período sem atividades regulares, em 2018, o grupo iniciou contatos entre os membros para a retomada das atividades acadêmicas.

O movimento levou a uma ação mais estruturada e, em dezembro de 2020, foi dada posse à nova Diretoria para o biênio 2020–2022. A psicanalista e neuropsicopedagoga, Estella Parisotto Lucas, foi eleita a sétima presidente desta honrada associação.

No ano de 2022, já reestruturada, a Academia realizou a sétima edição do Concurso Literário O Pensador, homenageando o Centenário da Semana da Arte Moderna de 1922 e o lançamento do seu primeiro livro, a antologia *A Expressão da Arte em 22*, com a participação dos textos premiados naquela edição do concurso. A ação cultural foi realizada pela Academia Itapemense de Letras, com apoio da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Desenvolvimento Econômico de Itapema, em Santa Catarina, e recursos financeiros provenientes do Fundo Nacional de Cultura, a Lei Aldir Blanc.

No final daquele mesmo ano, a Diretoria foi reeleita, em sua totalidade, para mais um biênio: 2022–2024.

Desde a sua fundação, a Academia Itapemense de Letras atua para promover a Literatura, estimulando a vocação literária de crianças, jovens e adultos no domínio da leitura e da escrita, bem como no incrementar da produção literária.

Foram diversas as ações realizadas durante estes quase 23 anos de existência da Academia Itapemense de Letras e muitas, ainda, a serem realizadas.

Finalizo esta breve apresentação agradecendo a todos, que, de alguma maneira, fizeram e ainda fazem parte desta honrosa Academia de Letras. Que possamos continuar honrando a linda missão de vida que nos foi confiada: a de salvaguardar o brilho nos olhos e o pulsar no coração de quem vivencia a arte das palavras.

Estella Parisotto Lucas

Membro vitalício da AIL,
Cadeira n° 33 e patrono Oswaldo Rodrigues Cabral
Presidente da Academia Itapemense de Letras
Gestão 2022–2024

CADEIRAS, PATRONOS E MEMBROS AIL

CADEIRA Nº 1

Patrono: Machado de Assis

Titular: Maristela Oliveira Rocha

Membro vitalício (2008), atualmente membro correspondente

Posição: 2

CADEIRA Nº 2

Patrono: João Cruz e Sousa

Titular: VAGO

Posição 1: Maria de Lourdes Cardoso Mallmann

CADEIRA Nº 3

Patrono: Ana de Jesus Ribeiro

Titular: Juely Anete Tortato

Membro vitalício fundador (2000)

Posição: 1

CADEIRA Nº 4

Patrono: Assis Chateaubriand

Titular: Carlos Higgie

Membro vitalício fundador (2000), atualmente membro correspondente

Posição: 1

CADEIRA Nº 5

Patrono: Carlos Gomes

Titular: Ofélia Terezinha Baldan

Membro vitalício fundador (2000), atualmente membro correspondente

Posição: 1

CADEIRA Nº 6

Patrono: Lindolf Bell

Titular: Marilê Lourenço

Membro vitalício fundador (2000)

Posição: 1

CADEIRA Nº 7

Patrono: Paulo Fernando Lago

Titular: Francisco Antônio dos Anjos

Membro vitalício fundador (2000)

Posição: 1

CADEIRA Nº 8

Patrono: Dom José Gomes

Titular: André Gobbo

Membro vitalício fundador (2000)

Posição: 1

CADEIRA Nº 9

Patrono: Celso Ramos

Titular: Luiza Machado dos Santos

Membro vitalício fundador (2000)

Posição: 1

CADEIRA Nº 10

Patrono: Visconde de Taunay

Titular: Marileide Lonzetti

Membro vitalício fundador (2000)

Posição: 1

CADEIRA Nº 11

Patrono: Holdemar Menezes

Titular: Iara de Oliveira

Membro vitalício fundador (2000), atualmente membro correspondente

Posição: 1

CADEIRA Nº 12

Patrono: Odilon Lunardelli
Titular: Cássia Cristina da Silva
Membro vitalício (2022)
Posição: 2

CADEIRA Nº 13

Patrono: Franklin Cascaes
Titular: Tatiana Testoni Coelho
Membro vitalício (2007)
Posição: 2

CADEIRA Nº 14

Patrono: Alcides Buss
Titular: Zeni Maria de Oliveira
Membro vitalício (2022)
Posição: 1

CADEIRA Nº 15

Patrono: Delminda Silveira de Souza
Titular: Maira Gledi Freitas Kelling
Membro vitalício (2006)
Posição: 1

CADEIRA Nº 16

Patrono: Ernani Rosas
Titular: VAGO

CADEIRA Nº 17

Patrono: João Paulo Silveira dos Santos
Titular: VAGO

CADEIRA Nº 18

Patrono: Jerônimo Francisco Coelho
Titular: VAGO

CADEIRA Nº 19

Patrono: Urda Alice Klueger

Titular: Alexandre Luiz Trombelli

Membro vitalício (2010), atualmente membro correspondente

Posição: 1

CADEIRA Nº 20

Patrono: Harry Laus

Titular: Vera Regina Wolf Schüssler

Membro vitalício (2002)

Posição: 1

CADEIRA Nº 21

Patrono: Henrique Boiteux

Titular: VAGO

CADEIRA Nº 22

Patrono: Hercílio Luz

Titular: Haroldo Augusto Moreira

Membro vitalício (2022)

Posição 1: Pedro de Quadros Du Bois

CADEIRA Nº 23

Patrono: Hugo Mund Júnior

Titular: VAGO

CADEIRA Nº 24

Patrono: Paschoal Apóstolo Pítsica

Titular: VAGO

CADEIRA Nº 25

Patrono: Fernando José Karl

Titular: Ivo Gomes de Oliveira

Membro vitalício (2007)

Posição: 1

CADEIRA Nº 26

Patrono: Júlia da Costa

Titular: VAGO

CADEIRA Nº 27

Patrono: Lauro Severiano Müller
Titular: Ilda Helena Cezar
Membro vitalício fundador (2000),
Posição: 1

CADEIRA Nº 28

Patrono: Luiz Delfino dos Santos
Titular: Rosana Manoel
Membro vitalício (2006)
Posição: 1

CADEIRA Nº 29

Patrono: Marcos José Konder Reis
Titular: VAGO

CADEIRA Nº 30

Patrono: Salim Miguel
Titular: Samara Miranda
Membro vitalício (2011)
Posição: 1

CADEIRA Nº 31

Patrono: Álvaro Augusto de Carvalho
Titular: VAGO

CADEIRA Nº 32

Patrono: Maura de Senna Pereira
Titular: VAGO

CADEIRA Nº 33

Patrono: Oswaldo Rodrigues Cabral
Titular: Estella Parisotto Lucas
Membro vitalício (2006)
Posição: 1

CADEIRA Nº 34

Patrono: Paulo Markun

Titular: VAGO

CADEIRA Nº 35

Patrono: Raulino Raitz

Titular: Magnus Francisco A. Guimarães

Membro vitalício (2002)

Posição: 1

CADEIRA Nº 36

Patrono: Silvio Pélico de Freitas Noronha

Titular: VAGO

CADEIRA Nº 37

Patrono: Donald Schüler

Titular: VAGO

CADEIRA Nº 38

Patrono: Victor Meirelles de Lima

Titular: Francisco Eduardo Barbosa

Membro vitalício (2006)

Posição: 1

CADEIRA Nº 39

Patrono: Lausimar Laus

Titular: VAGO

CADEIRA Nº 40

Patrono: Antonieta de Barros

Titular: Sabino Bussanello

Membro vitalício (2002)

Posição: 1

DIRETORIAS AIL

2000–2024

* DIRETORIA 2000–2002

Presidente: André Gobbo

Vice-presidente: Francisco Antônio dos Anjos

Primeira Secretária: Iara de Oliveira

Segunda Secretária: Maria de Lourdes Cardoso Mallmann

Tesoureira: Ilda Helena Cezar

* DIRETORIA 2002–2004

Presidente: Maria de Lourdes Cardoso Mallmann

Vice-presidente: Carlos Higgin

Primeira Secretária: Marileide Lonzetti

Segunda Secretária: Juely Anete Tortato

Tesoureira: Ilda Helena Cezar

* DIRETORIA 2004–2006

Presidente: Marileide Lonzetti

Vice-presidente: Marilê Lourenço

Primeira Secretária: Ilda Helena Cezar

Segundo Secretário: Magnus Francisco Antunes Guimarães

Tesoureiro: Pedro de Quadros Du Bois

* DIRETORIA 2006–2008

Presidente: Ilda Helena Cezar

Vice-presidente: Francisco Antônio dos Anjos

Primeira Secretária: Maria de Lourdes Cardoso Mallmann

Segundo Secretário: Eduardo Francisco Barbosa

Tesoureira: Vera Regina Wolf Schüssler

* DIRETORIA 2008–2010

Presidente: Pedro de Quadros Du Bois

Vice-presidente: Ivo Gomes de Oliveira

Primeira Secretária: Marilê Lourenço

Segunda Secretária: Joely Anete Tortato

Tesoureira: Ilda Helena Cezar

* DIRETORIA 2010–2012

Presidente: Maira Gledi Freitas Kelling

Vice-presidente: Francisco Eduardo Barbosa

Primeiro Secretário: Francisco Antônio dos Anjos

Segunda Secretária: Vera Regina Wolf Schüssler

Tesoureiro: Magnus Francisco Antunes Guimarães

* DIRETORIA 2020–2022 reeleita 2022–2024

Presidente: Estella Parisotto Lucas

Vice-presidente: Magnus Francisco Antunes Guimarães

Primeira Secretária: Tatiana Testoni Coelho

Segundo Secretário: Francisco Antônio dos Anjos

Tesoureira: Ilda Helena Cezar

BANDEIRA AIL

No dia 12 de setembro do ano de 2000, aconteceu a primeira reunião ordinária da Academia Itapemense de Letras, tendo como um dos assuntos da pauta a aprovação da Bandeira desta egrégia casa, bem como seu texto explicativo.

A Bandeira da Academia Itapemense de Letras — AIL foi criada e idealizada pelo acadêmico e confrade André Gobbo, presidente provisório na época, que, nessa 1ª reunião, apresentou aos associados a Bandeira e seu significado. A mesma foi aprovada e está registrada no livro de atas.

Descrevo abaixo o significado da Bandeira:

Retângulo amarelo — O retângulo amarelo que envolve o brasão da Academia significa a riqueza da produção dos acadêmicos, que virá para fazer parte da história do município. Representa a riqueza não material, mas sim do saber e da intelectualidade.

Círculo Azul — Cidade litorânea, Itapema se destaca a nível internacional pelas suas belezas naturais. O círculo azul representa o oceano que banha a costa do município, fonte de vida e de sustento para diversas famílias.

Estrela — Ao todo são 40 (quarenta) estrelas, que simbolizam a imortalidade dos 40 acadêmicos que fazem parte da Academia Itapemense de Letras.

Mulher com vestido azul e rosa — A mulher estampada na bandeira é a Deusa Minerva, deusa da sabedoria, que, mesmo caminhando para frente, não deixa de olhar para aquilo e para aqueles que já passaram. De certa forma, ressalta a sabedoria dos acadêmicos e representa a eternidade.

Bandeira — A bandeira carregada por Minerva traz escrita em latim a palavra *Immortale*, que, no português, significa imortal. 1. Que não morre eterno, imorredouro. 2. Que nunca terá fim, infindo. 3. Que jamais será esquecido, inesquecível (Dicionário Aurélio).

Livro Aberto — Estampando o Brasão do Município de Itapema, o livro aberto representa o cumprimento dos objetivos dos membros da Academia Itapemense de Letras, em dar apoio à literatura, cultura e história do município através dos registros assinados pelos acadêmicos.

Texto transcrito do livro ata por Ilda Helena Cezar

*Membro fundador da AIL,
Cadeira nº 27 e patrono Lauro Severiano Müller
Itapema, 7 de julho de 2023*



PREFÁCIO

UMA APRESENTAÇÃO À ANTOLOGIA, EM XII ATOS

I

Ler — segundo o filósofo francês Merleau-Ponty — é fazer a experiência da “retomada do pensamento de outrem através de sua palavra”. Ler é, em outras palavras, me pôr a refletir por meio da reflexão primeira de uma outra pessoa. E é justamente nesse movimento intenso que eu enriqueço e elucido os meus próprios pensamentos. E assim, por meio do discurso de outrem, eu me emancipo, evoluo, me faço mais gente e passo, a partir de então, a carregar um pouco desse alguém tanto no meu existir quanto no meu filosofar!

II

Já nas entranhas da nossa literatura, há registros que, em carta datada de 1906 e endereçada a Joaquim Nabuco, nosso honroso patrono Machado de Assis dissera que os “Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer”.

Observemos a assertividade e a contemporaneidade de Machado de Assis! Adaptemos para a nossa realidade hoje vivida, em que bons e valiosos pensamentos parecem ter sido vencidos e

soterrados por discursos vazios e ultrapassados, que fazem exalar de um pântano coletivo — e até mesmo imoral — o odor fétido que provém de todas as mentes que desaprenderam a doce arte da graça do saber escutar e do saber dizer.

III

No entanto, numa ligação singular entre o saudosismo e a esperança, me permitam compartilhar uma lembrança pessoal que me remete a um momento turbulento da história política desta Itapema, quando ouvi de uma mulher de desmedido afeto a seguinte orientação: “Meu filho! Não desanime e nem se amedronte. Afinal, quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que ela faz.”

E, cá entre nós, depois de tanto tempo, hoje já tenho os cabelos brancos suficientes para compreender o quão importante é compreendermos e exercitarmos essa tal “graça do dizer” para que, verdadeiramente, possamos agregar conteúdo nas “carroças” — isto é, nas mentes e nos corações — das pessoas a quem nos expomos e nos doamos, de modo que sejam seres melhores e menos “barulhentos”.

IV

Faço este preâmbulo — um pouco filosófico, outro tanto literário e pessoal — numa tentativa de ser suficientemente capaz de esclarecer a importância da publicação de mais uma *Antologia Literária*, organizada pela Academia Itapemense de Letras (AIL), de modo a elevar as consciências daqueles que ainda não perderam

o encanto pelo ato de ler a um patamar mais lúcido e evoluído, por meio das reflexões suscitadas pelos nossos autores.

Faço votos de que as obras reunidas nesta antologia, no todo ou em parte, sejam suficientemente capazes de despertar boas emoções e sentimentos, de modo que os leitores sintam que, ao lerem estas obras, agregaram algo de positivo em suas “carroças”, as quais, apenas por meio da leitura e da reflexão, se tornam mais úteis e menos barulhentas nesta conturbada e alucinada “sociedade do espetáculo”, que vive num movimento frenético de carroças vazias e barulhentas que de nada servem, porque nada dizem, nada agregam e nada fazem. Apenas perambulam, de um lado para outro, guiadas pelas suas telas “mágicas” e digitais, sem saberem ao certo para onde desejam ir!

V

Justifico este preâmbulo de modo que os meus honrosos confrades e confreriras, que, nestes tempos sombrios, corajosamente expõem as suas reflexões nesta nova antologia. Tenham a ciência da importância de continuarmos investindo na originalidade, na simplicidade e na graça de dizer ao mundo as nossas ideias — seja em prosa, seja em verso — sem nenhum receio de ser perseguido e censurado por forças não tanto escusas que se avolumam e que ameaçam a democracia.

Mais do que nunca, nobres colegas, é premente acreditarmos que, por meio da nossa retórica, poderemos, sim, transformar as vidas e nos imortalizar nos corações daqueles que

nos leem, que nos ouvem, que aprendem com a gente e que incorporam o nosso discurso, sobretudo, responsabilizando-se pela desconstrução desse movimento nefasto, repugnante e antidemocrático, que, nos últimos tempos, assombra a humanidade.

VI

Penso que o mal do mundo é o mundo que não pensa e que tem ojeriza daquele que ousa pensar! Na situação que aí está, nós — escritores, intelectuais, professores, jornalistas etc. — cada vez mais somos encurralados, no sentido literal da palavra, por uma cultura do ter em detrimento do ser; do descarte do físico para o endeusamento de tudo o que é digital; da superioridade da imagem sobre a escrita; do suplantar do erudito pelo que simplesmente é dito.

Pasmem! Como se nós lobos em pele de cordeiro fôssemos, fomos condenados a viver no curral. De lá, assistimos e vivemos um tempo em que a mentira passou a ser um prefixo da verdade (lembrai-vos das *Fake News*); em que a honradez, outrora advinda pela intelectualidade, perdeu espaço para a fama e o número de seguidores que se acumula pela indecência e pela exposição ridícula nas redes sociais.

Infelizmente perdemos a guerra e hoje vivemos em uma sociedade em que o cômico é o rei e o que remete ao intelectual é coisa chata, sem graça, descartável, desnecessária — inclusive ler um livro! Talvez isso justifique o esvaziamento de Academias como

essa e da superlotação de outras nas quais a beleza do corpo é a tônica principal.

VII

A mim, a expressão *Mens sana in corpore sano*, do poeta romano Juvenal, parece não fazer mais sentido, afinal, corpo e mente foram dissociados pela cultura atual. Hoje muito mais vale o posar de bom atleta e se adequar aos padrões de beleza impostos pelo capital do que aprender a escrever, ler, interpretar, refletir e interferir no mundo conforme as suas próprias convicções. E assim, passivamente, assistimos a um mundo sendo dominado por “carroças quase que vazias”, esbeltas, porém de vago conteúdo!

Nesse cenário, mais do que nunca, é preciso encontrarmos meios para subjugar a inércia do pensamento que aflige nossos compatriotas, afinal, como dizia Monteiro Lobato, “uma pátria se faz com livros e homens”, ao que complemento: um país se faz com bons livros, com generosos homens e com a coragem e a valentia de nossas mulheres.

Logo, para que possamos restaurar as bases morais e intelectuais da sociedade hodierna, ocupar uma Cadeira nesta Academia nos compele a insistir e a resistir, de forma que possamos construir e lançar este e outros tantos livros, por meio dos quais os leitores possam se encontrar e se encantar, de modo a se colocarem na trincheira dessa insana luta contra a mundanidade e a imbecilidade, sempre sustentados pela humildade de reconhecermos que “tão pouco sabemos”, numa renúncia a essa

arrogância geral de que “todo mundo sabe sobre tudo e, se não sabe, consulta no Google — aquele deus dos homens que tudo sabe e que tudo ensina”.

VIII

Nobres colegas! Mesmo gozando da condição de seletos “imortais”, não podemos admitir e nem compactuar que as ciências — de modo especial a Literatura, a Sociologia, o Jornalismo e a Filosofia — sejam contaminadas pela arrogância e por ideologias autoritárias e perversas que excluem categorias, que vitimizam classes e que dão vez e voz a discursos misóginos e fascistas.

Caso contrário, meus confrades e minhas confradeiras, humildemente lhes oriento: renunciemos à imortalidade! Reafirmo: se não for para enriquecer e elucidar a população, renunciemos a essa tal de imortalidade! Não faz nenhum sentido vestir essa toga negra por aqueles que atestam e reproduzem discursos contra tudo o que é mais sagrado para a edificação de uma sociedade menos injusta e menos infeliz.

Estejamos cientes de que, toda vez que nos cobrirmos por essa toga, que reproduz as milenares folhas de oliveiras que nos remetem ao jardim de *Akadēmos*, fundado por Platão, mais do que nunca temos que ter a nítida responsabilidade de nos apropriarmos desse aparato não para logarmos o prestígio e a fama individual, mas sim para nos portarmos como arautos do nosso sonho maior de que, pela Educação, pela Literatura e pela Cultura, um novo mundo é possível!

Neste sentido, entendo que, se não formos fortes para nos mantermos irmanados e na condição de paladinos da vida, dos direitos da coletividade, da liberdade e da democracia, não somos merecedores dessa toga que nos reveste. Afinal, como dizia nosso imortal Mário Quintana: “Todos esses que aí estão. Atravancando meu caminho. Eles passarão... Eu passarinho!”.

IX

Ante o exposto, compreendo que a publicação de uma nova **Antologia Literária** é mais uma oportunidade para que os aguerridos confrades e congreiras da AIL possam — pela sua honestidade, sua originalidade e sua simplicidade — ter mais uma “graça do dizer”, oferecendo à humanidade aquilo que ela tanto precisa: doses de esperança, de ânimo para a vida e de sede de paz!

X

No entanto, nesta oportunidade em que me reencontro com a reminiscência daquela que me ensinou que “A carroça mais barulhenta é aquela que mais vazia está”, é oportuno homenagear aquela que também apadrinhou e apoiou a criação e o funcionamento desta Academia: a Secretária de Educação e Vereadora Rita Carolina Werner Wollinger — grande entusiasta da educação, da cultura e da literatura itapemense — apenas uma das tantas centenas de milhares das vítimas da recente e sombria pandemia.

XI

Como profetizou o poeta gaúcho, Mário Quintana: “Eles passarão... Eu passarinho!”, Rita não passou! Na sua curta existência, depositou doses extras de carga em muitas carroças, e é justamente isso que a torna imortal — mesmo não tendo tido tempo para participar desta Academia — pois carregamos um pouco dela na carroça do nosso existir, do nosso viver e do nosso filosofar. Por isso, sem titubear, é correto dizer que, nestas terras de antigas taperas, Rita resiste e, por nós, resistirá!

XII

Faço votos de que as obras contidas nesta nova **Antologia Literária**, suscitem reflexões — agudas ou profundas — de modo que cada leitor, desta e das futuras gerações, compreenda que, neste mundo de tantos gritos e agitos, “a carroça mais barulhenta é aquela que mais vazia está”.

Caros leitores! Não renunciem à responsabilidade de carregar o “peso pesado” das carroças de suas vidas!

Não hesitem em fazer de sua passagem por este mundo uma oportunidade de carregar e de tornar menos barulhenta a vida de outrem.

Continuem acreditando que, pela retórica, seremos capazes de transformar o mundo e que, pelas nossas palavras — originais e

simples — permitiremos que tantos outros reflitam sobre aquilo que somos e pensamos.

Dessa maneira, pela graça do dizer, permitimos que tantas outras pessoas evoluam, agregando mais conteúdos às suas “carroças” e se fazendo mais gente! E assim, creio, neste movimento, o mundo passará a ser mais “gentificado”, de gente como a gente, capazes de valorizar o que há de mais sagrado: o **SER HUMANO** — genuíno, generoso, reflexivo e fraternal.

Enfim, em nome da literatura, da cultura, da memória e da história itapemense, encerro estas reflexões, dizendo: “Rita em nós vive! Viva ela permanece no andar dessas não tão velhas carroças que somos, mas que, na sua curta existência e pela graça do seu dizer, ela foi capaz de nos tornar menos barulhentos e um pouco mais lúcidos, ao depositar em nós cargas extras de ternura, abnegação, valentia e fé”.

Eu passarei, mas Rita, meus senhores e minhas senhoras, Rita é passarinho!

Dr. André Gobbo

Membro fundador da AIL,

Cadeira nº 8 e patrono Dom José Gomes

HOMENAGENS



MARIA DE LOURDES CARDOSO MALLMANN

(1939–2011)

Falar da nossa querida Mariazinha, carinhosamente chamada, é um privilégio.

Desde criança, sentia uma atração muito forte pelos livros, e a biblioteca de seus pais foi o seu primeiro contato com o mundo da Literatura. Com 13 anos, já havia lido muitos clássicos brasileiros, e o *Continente*, de Érico Veríssimo, foi sempre um dos seus favoritos.

Mulher, mãe, escritora, professora; dedicada, determinada e ousada. Casada com Alceu Mallmann, constituiu sua família.

Além da paixão pelas Letras, foi professora de Filosofia e Dança, atuando com crianças e adolescentes por muitos anos.

Em 1989, publicou o livro de poesias *Tardes de Chuva*; em 1993, *Coletânea de Poesias Mulher Poeta* e o romance *Estigma*. Em 2004, *Contribuição Literária no Jardim de Judith* e *Versos que vêm do Mar de Itapema*, encantando a todos pelas lindas poesias que enaltecem as belezas do município.

“Itapema mal desperta
E é envolta em magia
O mar é azul, por demais
Tudo transpira alegria!
És muito bela, Itapema
Me curvo perante Deus
Pedindo em prece por ti
E por todos os filhos teus.”

Membro fundador da Academia Itapemense de Letras, no ano de 2000, ocupou a posição 1 da Cadeira 2, e seu patrono foi João de Cruz e Souza. Foi presidente dessa entidade na gestão 2002–2004. Nesse período, houve parceria com escolas do município, para a realização de palestras aos alunos sobre produção textual, poesia e leitura; implantou-se o projeto Academia vai à Escola; foi criada a Bandeira da AIL, em 14 de junho de 2003; instituiu-se a data de 12 de setembro como, oficialmente, o dia da Bandeira da Academia; tivemos o concurso promovido pela

Academia, intitulado “Poesia nos Ônibus”, coordenada pelo confrade Pedro Du Bois; criou-se o projeto Hino Nas Escolas, com o Hino de Santa Catarina, para distribuição de CDs nas escolas Municipais, Estaduais e Particulares do município; aconteceu o primeiro Simpósio Sul Brasileiro de Academias de Letras, envolvendo Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul e homenageando com o título o confrade Dr. Paschoal Apóstolo Pítsica.

No ano de 2004, ela recebeu o prêmio “Maricota”, como destaque da Literatura Feminina de Santa Catarina. Orgulho para todos nós, membros da Academia.

Em uma das estrofes da poesia *A Pequena Grande Mulher*, da congreira Ilda Helena Cezar, Mariazinha é descrita da seguinte maneira:

“Mariazinha, assim era chamada
Estatura pequena, mas grandiosa
Pelos seus feitos e um enorme coração
Pulsava naquele peito acolhedor
No seu jeito simples de ser
Recebia a todos com alegria
Com uma palavra amiga”.

Seu sorriso contagiava quem estava ao seu lado; sua ousadia concretizava o que parecia impossível; suas palavras soavam com um toque de elegância. Infelizmente, em 2011, ela partiu, deixando todos com uma profunda tristeza, porém as lembranças ficaram. Lembranças de alguém que ousou, se dedicou e fez a sua história.

E foi pelo seu belíssimo trabalho que o município de Itapema resolveu homenageá-la, dando seu nome a um auditório e a uma das escolas do município. Homenagem mais do que merecida.

Seu legado ficou, e ela sempre será lembrada por todos como a escritora que preencheu as páginas em branco no livro da vida, onde todos nós fizemos parte.

Marleide Lonzetti

Membro fundador da AIL,
Cadeira nº 10 e patrono Visconde de Taunay

PENSAMENTOS POÉTICOS

Disseram para escrever um livro
Escrevi!
Falaram para plantar uma árvore
Plantei!
Pediram para ter um filho
Tive sete
... mas ainda não me completei!

Aprender para Ler
Ler para conhecer
Conhecer para escrever
Escrever para alguém ler!

É preciso acreditar
Que o feio se torne belo!
Prova está na natureza,
que, da lagarta horrorosa,
faz surgir a borboleta
de irradiante beleza!

Eu comecei a morrer no dia em que nasci...
E comecei a viver quando te conheci!

Um anjo passou por mim e levou minha tristeza!
Um outro me sussurrou que me traria alegria!
Com tantos anjos à volta, me questiono, me interrogo
Quem sabe um anjo eu também seria?

Maria de Lourdes Cardoso Mallmann



PEDRO DE QUADROS DU BOIS

(1947–2021)

Quis o Supremo Criador dos Mundos que nosso confrade Pedro Du Bois realizasse a sua travessia no barco de Caronte no dia 6 de abril de 2021, motivo pelo qual estamos registrando esta homenagem póstuma a esse abnegado amigo, poeta e contista.

Ressaltamos também a perda de sua esposa Tânia Regina Dubois, em 2 de abril de 2021, portanto quatro dias antes do seu desenlace, vítimas do COVID-19.

Pedro Du Bois tomou posse na AIL no ano de 2002, Cadeira nº 22; patrono: Hercílio Luz; posição: 1, exercendo os cargos eletivos de Tesoureiro (2004–2006) e de presidente (2008–2010).

Durante seu mandato de presidente, foram realizados dois concursos literários de âmbito nacional: Concurso Literário O PENSADOR III, em 2009, e Concurso Literário O PENSADOR IV, em 2010. Também, em sua administração, foi destaque, em Itapema, a promoção: POEMAS NOS PONTO DE ÔNIBUS, em 2010.

Quanto a suas obras literárias, não temos como citá-las nesta página devido ao volume da existência. São muitas... e excelentes! Du Bois editava a maioria dos seus livros em casa, artesanalmente; uma gráfica local fazia a grampagem e o refilamento; sua esposa e companheira Tânia Du Bois, também escritora, criava as capas, revisava e organizava os poemas. Essas tiragens eram distribuídas entre escolas, bibliotecas, amigos e amantes da literatura.

Antes mesmo do meu ingresso como membro da AIL, fui convidado pelo Du Bois para fazer a apresentação do seu livro de poemas *A Ilusão dos Fatos*. Não hesitei em aceitar a incumbência. Embora conhecendo pouco da sua obra (mais de quatro dezenas de edições), mas respaldado em alguns fragmentos que me são enviados ocasionalmente e examinando o seu novo lançamento, posso testemunhar a perícia com que o vate trabalha o pensamento

a fim de que sua escrita permaneça no patamar dos grandes nomes da literatura poética.

Há poucos dias, folheando algumas obras de sua autoria, deparo-me com seu livro *EM CONTOS*, Projeto Passo Fundo, Apoio à Cultura, Ed. 2014, e leio, na contracapa, a opinião de sua filha Marina Du Bois, que, por si só, dá o devido reconhecimento das suas obras em geral. Transcrevo a seguir:

“Que delícia ler os contos do pai. Há alguns anos, tive o gostinho de ler alguns dos primeiros a serem escritos e, agora, tive o prazer de ler o livro pronto.

Pedro Du Bois em *Contos*. Encanta.

Prosa impecável, rica, pensada, lapidada, faz com que o texto não soe como uma leitura, e sim como se os pensamentos brotassem na nossa cabeça. E os finais, então? Surpreendentes. Os contos prendem a nossa atenção até o seu desfecho e dão gostinho de quero mais.

Excelente poeta; conquista o leitor também na prosa. Assim como Mario Benedetti, posso até arriscar dizer que é melhor ainda ‘em Contos?’.”

(Marina Du Bois — Advogada)

Assim, nós, membros da Academia Itapemense de Letras, que com eles convivemos no meio acadêmico e social, sentimos a perda desse ilustre confrade e de sua esposa, que nos foram exemplos de humanismo, sabedoria e bondade. Prestamos-lhe esta

homenagem, que, embora não corresponda à magnitude de seus méritos, servirá, todavia, para testemunhar nossa gratidão.

Honrá-los é um ato de reconhecimento e imitá-los é um dever.

Orgulhamo-nos, portanto, nesta Academia de Letras, em legar aos pósteros, ao futuro, estes exemplos de virtude deixados pelos homenageados para que nos sirvam de modelo e estímulo.

Ivo Gomes de Oliveira — IGdeOI

Membro vitalício da AIL,

Cadeira nº 25 e patrono Fernando José Karl

FINITUDE

Na finitude dos sentimentos
a hora
é o travo: o desânimo
em razões submerge
a lágrima
entremeada ao olho

(a música cessa
a palavra cala)

o grito esteriliza
o gesto: assusta
o pássaro

(os olhos se fecham
em lembranças).

Pedro Du Bois

Publicado em 2 de março de 2021

Modus Vivendis — Ana Roque

POESIAS, CONTOS, CRÔNICAS, PENSAMENTOS...

Academia Itapemense de Letras — AIL

2023



ANDRÉ GOBBO

membro fundador — AIL

Doutor em Educação Científica e Tecnológica (UFSC, 2020). Possui graduação em Comunicação Social e habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Vale do Itajaí (1999). Especialista em História, Ensino e Pesquisa em Santa Catarina (2001) e em Ensino e Docência no Ensino Superior (2014). Mestre em Ciências da Educação (UFPB, 2010), com 20 anos de experiência na

docência do Ensino Superior. Coordenou o Núcleo de Apoio Técnico e Pedagógico (NATEP) e, em 2018, recebeu o título de Professor Emérito. Foi Reitor do UniAvan de junho de 2021 até outubro de 2022. Autor dos livros *Dom José Gomes: Escudo dos Oprimidos*; *Passaporte Para a História: Itapema e Sua Alma Feminina*; *A Quarta Revolução industrial e Seus Impactos na Educação 4.0* e organizador de *Novas Narrativas para o Ensino-aprendizagem* e *A Educação em Tempos da Revolução das Máquinas*, além de artigos e capítulos de livros.

SE FOR PARA SALVAR UMA VIDA, NÃO HESITE, QUEBRE O JEJUM!

Existe um conto em que São Francisco de Assis se encontrava com outros franciscanos. Após alguns dias, em jejum e oração, São Francisco acordou na madrugada com um dos colegas chorando. Ele se aproximou e perguntou ao amigo o que estava acontecendo. O amigo, cheio de vergonha, lhe respondeu:

— Estou com fome, não estou aguentando mais o jejum, eu queria tanto um pedacinho de frango.

Ouvindo isso, São Francisco foi até a cozinha, pegou o frango, temperou, cozinhou, quebrou o seu jejum e comeu junto dele, para que o amigo não se sentisse envergonhado, isso porque o jejum era muito importante para ele, entretanto o amigo era muito mais.

Faço este pequeno preâmbulo para nos darmos conta e compreendermos o quanto ainda temos que aprender nesta escola chamada vida.

Olhamos para o exemplo de São Francisco: um valoroso homem e um dos maiores ícones da história! Todos sabem que ele abdicou de toda a riqueza da família para viver entre os pobres e leprosos. De certo modo, foi um rebelde do seu tempo, que peregrinou mundo afora levando a mensagem de paz e arrebatando seguidores, na tentativa de construir um novo mundo: de paz, mais humano, justo e fraternal.

Atentando-me ao exemplo de Francisco, há dois fatos que desejo destacar.

O primeiro deles é justamente para compreendermos que, até mesmo na nossa vida profissional, o cultivo da amizade é o bem maior a ser priorizado e preservado. Francisco foi tão forte e humano que quebrou o jejum para salvar uma amizade! Para ele, um amigo era mais importante do que manter o seu sacrifício espiritual. E é justamente esse gesto generoso de Francisco que faço questão de destacar nesta oportunidade. Atentem-se: se não soubermos manter o sentido do amor, da união, do respeito ao outro, das ideias, das divergências e limitações, não conseguiremos avançar na nossa evolução pessoal, profissional e nem mesmo espiritual.

Por isso é que lhes digo: observem as limitações dos seus amigos. Escutem seus clamores, seus choros e suas vozes, de modo especial, no silêncio das noites traiçoeiras. Não lhes julgue e nem lhes condene, apenas os compreenda e respeite. Estenda a mão sempre que for possível, para amenizar a dor e o sofrimento de um verdadeiro amigo. Seja o colo que acolhe!

A sociedade atual carece de profícuas amizades! Quantificamos o número de seguidores em nossas redes sociais e confundimos tal feito com se todos aqueles rostos, muitas vezes desconhecidos, fossem nossos amigos. Iludimo-nos com os contatos virtuais e esquecemo-nos do real, do olho no olho, de uma conversa frente a frente; de um abraço amigo, de um aperto de mão.

Mergulhados nessa cultura do efêmero e da aparência, chegamos a certo ponto de sentir que não temos mais amizade a ninguém. Isso porque a dita “amizade” se transformou em uma moeda de troca, de interesses, algo que pode ser deletado ou bloqueado com um simples toque na tela dos smartphones. E, dessa forma, se não redimensionarmos as nossas próprias práticas, a nossa vida, seremos protagonistas de uma sociedade cheia de mercadorias, porém cada vez mais vazia e carente de gente como a gente!

O segundo fato, e talvez o mais importante que destaco, está ligado à situação a que São Francisco e seu amigo estavam submetidos: reclusos há dias e jejuando. Com tal ato, quero que percebam que, mesmo estando em meio a essa sociedade mundana e alucinada, é necessário aprendermos que, para se viver bem consigo mesmo e com todos, é preciso se retirar.

Mais do que nunca, nossos dias exigem o silêncio interior. Que vivamos um tempo de silêncio a fim de aprendermos a olhar a nossa própria vida e a nossa própria história, nossas atitudes e nossas propostas, nossas decisões e nossos encaminhamentos.

Não podemos nos entregar a essa tão propagada cultura da mundanidade, em que todos buscam triunfar sem nenhum esforço, sem nenhum investimento e sofrimento; apenas por aparências e influências. Vós sois sabedores de quanta garra foi empreendida para que, enfim, chegássemos aonde chegamos. Vós sabeis dos tantos obstáculos que somos levados a superar para que nossos sonhos mais íntimos possam, enfim, ser concretizados. Sabemos

que nenhuma conquista é fácil e nem de graça! Porém, infelizmente, ainda hoje, há uma legião de vítimas dessa cultura da mundanidade, buscando, com pressa, a fama e o sucesso, tecendo uma idolatria cega ao pragmatismo dos números e das estatísticas.

Digo isso para que percebam que, na sociedade contemporânea, a paciência deixou de ser valorizada! Em especial, as novas gerações são impacientes e se orgulham disso. Querem tudo logo de uma vez! Fazem birra como se todas as coisas fossem possíveis e se realizassem num passe de mágica, no momento que eles desejam. O uso constante da internet no celular lhes dá a falsa impressão de que tudo acontece rápido. Contudo, na realidade, somos sabedores que tudo tem o seu tempo e seu ritmo.

Enfatizo tal situação porque é oportuno que vocês aprendam a cultivar a paciência. Compreendam que há uma distância entre o desejo e a realização! E a vida exigirá de você muito trabalho, abnegação, humildade e sacrifícios para que, enfim, possa se transformar naquilo que deseja ser. Cautelosamente, construa sua carreira com perspicácia e determinação; sem esquecer de colocar uma dose extra de generosidade no coração!

Lembre-se de que cultivar a paciência não é ficar parado, tampouco se conformar com as coisas erradas, mas sim perseverar no bem. A paciência é irmã da perseverança e da esperança. E “[...] é preciso ter esperança”, como dizia Paulo Freire, “[...], mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás,

esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...]”.

“Esperanceie” e não se deixe levar pela cultura da mundanidade. Persevere com a certeza de que o futuro recompensará todos os seus esforços. Não se esquive das adversidades, pois são elas que nos fazem mais fortes! Não escolha uma vida fácil, uma vez que são os embaraços da vida que nos transformam em seres mais humanos. Persista na ética, na responsabilidade, na solidariedade, na probidade, no amor e na fé tanto nos homens quanto na vida.

Sigamos o exemplo de Francisco! Que possamos jejuar e quebrar o jejum quantas vezes forem necessárias, desde que for para valorizar, acolher e zelar pelos nossos amigos e por todos aqueles que de nós mais precisam. Se for para salvar uma vida, não hesite, quebre o jejum!

Sigamos o exemplo de Francisco e, nestes tempos nebulosos, onde milhares de pessoas no mundo são vítimas de todas as formas de violência, inclusive da guerra, que possamos, diuturnamente, nos portar como instrumentos da Paz que o mundo tanto precisa e, para tanto, assim como o próprio Francisco nos ensinou:

Onde houver Ódio, que levemos o Amor,

Onde houver Ofensa, que levemos o Perdão.

Onde houver Discórdia, que levemos a União.

Onde houver Dívida, que levemos a Fé.

Onde houver Erro, que levemos a Verdade.

Onde houver Desespero, que levemos a Esperança.

Onde houver Tristeza, que levemos a Alegria.

Onde houver Trevas, que levemos a Luz!

A você entrego o meu carinho e o meu apreço. Se for para salvar uma vida, não hesite: quebre o jejum!



CARLOS HIGGIE

membro fundador — AIL

Carlos Higgie nasceu na cidade de Rivera (Uruguai), no dia 9 de agosto de 1955, na divisa com Santana do Livramento (Brasil), sendo filho de mãe brasileira e pai uruguaio. Em sua juventude, recebeu várias menções e prêmios pelo seu trabalho literário.

Alguns de seus contos foram premiados em concursos literários, regionais e nacionais, no Uruguai.

Publicou seu primeiro livro em 1979 e já possui várias obras publicadas, incursionando em diferentes gêneros literários (contos, romance, biografias e poesia).

Atualmente é membro da Academia Itapemense de Letras, Academia de Letras de Blumenau e de outras entidades dedicadas à divulgação das Letras e das Artes. Carlos Higgin é licenciado em Letras (Português/Espanhol) pela UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí).

ESPELHO

Espelho: Do latim speculum, lâmina de cristal azougue, para refletir objetos.

O objeto sou eu. Trinta e poucos anos, um ricto quase imperceptível nos lábios, um cansaço que já não é meu. No fundo, perdida na íris castanha, uma pequena luz insiste em não apagar.

Falou-me Guacira que estou ficando careca. Tem razão. Debaixo do meu cabelo, outrora abundante e forte, cresce uns clarões e as entradas estão maiores. Estou me resignando a ser calvo. Em realidade, já me resignei a tudo. Como se minha vida fosse um grande dominó, preparado para uma reação em cadeia: cai a primeira peça, derrubando, em um movimento contínuo e em câmara lenta, as outras. Cada sonho que passa, cada esperança que se despenca derruba a seguinte. E, assim, sucessivamente. Este foi um ano pródigo em quedas.

Se vasculhasse no remoto e polido pretérito, no começo do efeito dominó, dificilmente conseguiria identificá-lo. Em alguns momentos, penso em Marcela como o começo do fim. Que nosso proibido, e por isso furtivo romance, desencadeou uma avalanche que só terminará quando eu morrer.

Não tenho estômago para aguentar a Guacira. Agora somos quase inimigos; a vida nos jogou num ringue, no qual nos enfrentamos todo dia. Passamos da paixão à rotina sem percebermos. Odiamos por obrigação, mordemos, ferimos sem

piedade. Ela não tem culpa, ainda que, às vezes, lhe faltou compreensão e paciência.

A Terra, vista do infinito, não existe. E da Lua, que está a um passo dos menores, é somente uma bola azul-prateada e nada mais. Por isso não consigo imaginar a microscópica dimensão dos meus problemas. Sei que, afundado neles, me parece um oceano hostil e tenebroso, prestes a inundar minha consciência.

Marcela emerge seguidamente do passado. Insiste em quebrar minha já frágil estrutura. Ela é a lembrança mais louca e bonita da minha vida. Com ela, cometi todas as loucuras da juventude. Na madrugada de um verão memorável, na velha bicicleta, fugimos por trilhas de areia e pedra, rumo ao mar. Dias depois, a polícia nos pegou, principalmente porque paramos nos arroios, montes e plantações, para o regalo de nossos corpos, descobrindo, na imensidão do campo e da noite, a pequenez e o milagre do nosso prazer. Marcela saía de si, transformando-se em mulher, apesar de ser pouco mais que uma adolescente.

Depois da surra que seu pai me deu, ela sumiu. Descobri que se casou, teve filhos e fez todas as coisas que juramos não fazer.

Guacira sabe pouco dessas coisas que povoaram minha juventude, não entende que, por dentro, vão muitos *eus* em permanentes choques.

Não tenho dúvidas: o efeito dominó começou com os muros do pai de Marcela. Passei meses, anos, afogado pela mágoa e pela lembrança clara e forte daquela garota, desfalecendo em

meus braços, bêbada de paixão e prazer, gemendo feito bicho, cada vez que tocava o céu. Minha mãe se desesperava, tentava me buscar para a vida. O pai me insultava, maldizia. Perdi quilos e ilusões, esvaziando como um balão.

Um dia qualquer, voltei à normalidade, andando pelos caminhos marcados e preestabelecidos. Um dia, Guacira. Outro, o casamento. O apartamento, os móveis, a rotina, o medo crescendo como um cogumelo, subindo feito trepadeira, invadindo meu sangue.

Agora, às seis horas da manhã, as coisas parecem desconhecidas, emergentes de uma realidade paralela, subjacente: a casa toda está coberta por um silêncio adormecido. Fugitiva de um sonho qualquer, permanece sob a pele, uma sensação inequívoca de que tudo está fora de lugar. As coisas e eu.

As moscas, amorais e sujas, amam-se sobre a mesa da cozinha, como em qualquer parte do mundo. Uma torneira pinga na minha alma.

A luz do amanhecer iluminou meus traços tristes, refletidos no espelho. Dali até a sacada foi um instante. Da sacada ao parapeito, outro.

Vejo, lá embaixo, diminuídas e distantes, as árvores, a rua, os madrugadores. Choro. Sinto dor nas pernas. Quero saltar. Flutuar, navegar, fazer-me merda no teto de um ônibus, no asfalto ou nas cabeças dos passantes.

Tudo parece um tango. Dirão tantas coisas amanhã, hoje pela tarde! Que tinha amante, endividado horrores, homossexual, HIV positivo. Inventarão histórias. Não sei por que saltar, por que estourar, na rua, as poucas ilusões que restam. Talvez porque ontem, num bar fedorento, vi minha vida num instante, nos olhos borrachos de Marcela; talvez por vê-la tão decadente, gorda, enrugada. Tão velha como o mundo; vulgar como todos. Os olhares se reconheceram. Julgaram nossos dias. Ela inclinou-se e vomitou.

PANDORGAS NO CÉU ANIL

Fizemos a pandorga no pátio. Minha mãe tinha brigado conosco quando viu a bagunça da sala: pedaços de taquara, papel e muita cola nos mosaicos que ela limpava com tanto carinho. O sol ainda não esquentava muito. Toby, o cachorro maluco do meu irmão, vinha e me mordiscava um pé e depois o outro. Eu não queria brincar com ele.

Meu pai montava a pandorga com habilidade. Ia descrevendo cada passo, como se estivesse dando uma aula muito importante. Normalmente ele conversava pouco comigo, quase nada. Era quieto, silencioso, passava muito tempo pensando e mastigando seus pensamentos. Quando discutia com mamãe, falava muito, rapidamente, amontoando as palavras, usando-as como se fossem projéteis de uma metralhadora infernal. Às vezes ele bebia e irritava-se por qualquer coisa. Gritava, e seus gritos doíam-me na alma. Eu rezava para que mamãe ficasse quieta e parasse de retrucar. Ele era bom para mim, apesar de que eu tinha um pouco de medo dele.

A pandorga ficou bonita. Tinha quatro gomos de cores vibrantes, e papai colocou um “roncador” de papel preto que, diziam meus amigos, roncava com mais força. Ajudei a colocar uma decoração e uma cauda longa, fina e muito leve. Tínhamos dois novelos de barbante. Meu pai disse que, com eles, a pandorga iria tão alto que chegaria até o sol.

Quando chegamos ao campo, o vento soprava constante e com força. Foi fácil elevar a pandorga, apesar de ser grande, quase

do meu tamanho. Outras pandorgas dançavam no céu, que doía de tão azul.

Sentamo-nos numa pequena elevação, e ele me passou o barbante. A pandorga mexia-se, inquieta, e ameaçava arremeter contra as copas das árvores mais altas. Papai me falou para soltar um pouco de barbante e segurar. Pedi para repetir a operação várias vezes. A pandorga encontrou uma corrente de ar, uma rajada de vento melhor e se estabilizou.

Parecia que tudo sorria para mim: a pandorga radiante, o sol, o céu grandiosamente azul, meu pai com sua mão enorme apoiada sobre meus ombros. Então começou a falar. Ofuscado pelo esplendor do dia, pela felicidade de ver minha pandorga voando tão alto, não conseguia entender o que ele me dizia. Falou e falou, me explicou mil vezes, porém eu não queria escutar, não queria compreender.

Ele me deu um beijo, que doeu, na minha bochecha e foi embora, caminhando devagar. Eu soltei o barbante da pandorga que, surpresa, demorou um instante para perceber que estava livre e poderia voar, sulcar os céus, aterrissar ou quebrar-se toda contra as árvores.

As lágrimas grossas e extraordinariamente quentes enchiam meus olhos e deformavam a imagem do meu pai, que se afastava lentamente, com seu passo cansado e triste.

O ÔNIBUS

Amassei o cigarro com o pé esquerdo (o dedo grande me doía um pouco, seu latejar pareciam gritos de socorro) e subi. Sentado no primeiro banco do ônibus quase vazio, deixei de preocupar-me com o horário. Sabia exatamente quantos minutos demorava em cada dia da semana.

Outras preocupações consumiam meu pensamento: as dívidas, a cárie enorme no molar, os problemas em casa e no trabalho, a indisciplina crescente dos filhos, a antiga nostalgia de um tempo que jamais existiu.

O ônibus estava vazio. Os escassos passageiros, imóveis e calados. Talvez, como eu, eram obrigados a trabalhar num domingo radiante, especialmente feito para descansar o esqueleto e desfrutar do sol e do arzinho, que deixavam a sensibilidade à flor de pele.

Repassava, com extrema autocrítica, a última discussão com minha mulher. Pensava no destino das pessoas, em nossos destinos, escritos desde o princípio e já aniquilados no futuro. Desfazia-me em muitas perguntas.

Quando passamos pelo parque, senti certa inveja de toda aquela multidão, que buscava, no sol, a liberdade e a vida, privilégio que lhes era negado no resto da semana.

O ônibus rodava lento, letárgico, como se espreguiçando sob a luminosidade e o calor da tarde. Baixei, por um instante, as

pálpebras. Deixei-me envolver por um morno impulso que emanava de algum lugar não muito bem determinado.

Dormitei um pouco, cabeceei e voltei à realidade, sobressaltado. Aquela avenida me parecia totalmente desconhecida. Busquei uma explicação à minha volta. Os poucos passageiros que restavam olhavam fixamente para um ponto indefinido da avenida.

Olhei o motorista, que permanecia atento ao seu trabalho. *Deve ser um desvio*, pensei. O veículo dobrou à direita e depois à esquerda, outra vez à direita, e eu me dei conta de que o percurso já era superior, em minutos pelo menos, ao que estava acostumado.

Aproximei-me de um passageiro. Perguntei o que acontecia. Olhou-me como se não entendesse. Insisti que o trajeto não era aquele. Respondeu-me que eu estava enganado, confundido, que o caminho era aquele.

Me enganei de ônibus, concluí. Não era possível. Por minha rua, passavam apenas ônibus daquela linha; não havia como me enganar.

Decidi interpelar o motorista. Apoiei minha mão sobre seu ombro; então girou a cabeça, e vi seu rosto. Compreendi tudo. Já era tarde: o ônibus lançou-se em desabalada correria no olho negro do túnel.



CÁSSIA CRISTINA DA SILVA

membro vitalício — AIL

Escritora, natural do Rio de Janeiro, formada em Direito pela Universidade Gama Filho; Pós-graduada em Direito Processual do Trabalho. Sócia-fundadora do escritório Silva&Silva Advogados Associados. Professora, formada pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Formada em ballet clássico, atua em

vários jornais e revistas, escrevendo artigos jurídicos e sobre moda. Faz parte da comissão de Moda de Santa Catarina. *Influencer*, dá dicas de viagens e comidas, participando de desfiles e criando um evento próprio voltado para a moda. Faz parte da AIL Academia Itapemense de Letras desde 2022. Possui livros publicados em coautoria: *Incríveis Mulheres que Deram a Volta por Cima* (Literare Books); *Eu Protagonista da Minha História* (Literare Books); *Vozes da Favela* (Arte da Palavra), entre outros.

DESCOBRINDO ITAPEMA

No período das navegações e da ocupação da América, ninguém sabia ao certo o sul do Brasil de quem era.

Mais de seis mil homens vieram aqui habitar, com seus cantos, seus costumes, nossa gente ensinar.

Açorianos vieram da bela Portugal, arrumar, aqui no Brasil, um belo lugar ao sol.

Por aqui, já tinha uns índios, povo bem desbravador, se juntaram com europeus, e Itapema acordou!

Com sua cultura tão linda, tão cheia de encantos mil, a festa do Divino, europeus deixaram aqui no Brasil.

Graças à linda rainha Isabel de Aragão, que fez, ao Divino Espírito Santo, uma promessa de coração.

Em suas promessas, pediu ao Divino Espírito, com fé, que, entre seu filho e o pai, logo houvesse a paz.

A bandeira do Divino toda vermelha ela traz, com a pomba do Espírito Santo espalhando muita paz.

A festa do Divino faz parte desse legado, de um povo honesto batalhador, que aqui viveu seu reinado.

Santa Catarina, terra linda, de Campo Grande e vasto, era pobre em população, mas já tinha um grande legado.

Em 1748, com a vinda dos imigrantes europeus, nasce Itapema tão bela, em tons lindos de aquarela.

Mais de seis mil açorianos desembarcaram por aqui, trouxeram sua cultura, sua religião e o lindo boi de mamão.

A dança do pau de fitas, em torno de um grande mastro, cantigas do Divino, deixadas por eles no reinado.

Os chamados barriga verde aqui vieram morar, usavam faixa na cintura para a barriga mostrar.

São muitas tradições do povo folião, polvilho doce, doce de leite, bolinho peixe e pirão.

Paisagens, serra, montanhas, muita mistura e cultura, assim descobriram Santa Catarina, terra de muita doçura.

Olegário Bernardes, grande vereador, por iniciativa dele, Itapema desabrochou.

Era um pequeno vilarejo de pescadores portugueses, que aqui já habitavam e logo viraram fregueses.

A costa esmeralda avistou e logo se apaixonou, Itapema, sempre tão bela, era chamada Tapera.

Mas, em 1962, quando o povo avistou, reconheceu prontamente Itapema como terra da gente.

Os açorianos, com o tempo, perderam suas origens, falando a língua do povo, tornando-se um povo triste.

É preciso resgatar aqueles que aqui estiveram, trazendo seus costumes, deixando tudo tão belo.

De maio a setembro, existe muita alegria, a festa do Divino corre com toda magia.

Seguindo o calendário litúrgico, a festa vai acontecer em cada cidadezinha que o Divino aparecer.

Os símbolos da grande festa são a bandeira e o casal, a banda promessa, o cortejo, a coroação, tudo igual.

A cidade foi crescendo entre montanhas e mar, mas nunca esqueceremos os açorianos que vieram de lá.

Cidade de muitas culturas, povos, línguas e nações, Itapema tem doçura e empresários campeões.

Junto ao seu crescimento, empresários do momento, Andorinha, Amadeu, Pasqualotto e Fazolo, na construção, foi um grande estouro.

Cidade de arranha-céus, do maior metro quadrado, Itapema sempre desponta num lindo e belo cenário.

Grandes prefeitos passaram aqui, tentando sempre melhorar a linda Costa Esmeralda, que nasceu para reinar.

Itapema sempre respondeu às belezas que aqui sucederam.

Cidade de gente linda, povo disposto e trabalhador, Itapema, tão bela e rica, no cenário despontou!

Por aqui, tem muitos artistas, influencers e escritores, tem a AIL, Academia, que muitos, despertou!

Itapema, nunca vi cidade de gente tão séria, de um povo ordeiro
e feliz, Costa Esmeralda, quão bela!



EDUARDO BARBOSA

membro vitalício — AIL

Eduardo Barbosa é um apaixonado pela arte em todas as suas expressões. Foi vocalista da banda Aishajambo, trabalhou como editor jornalístico, cartunista e desenhista. Atuou como designer de interiores e projetista. Hoje é diretor do Blue King Studio, onde é responsável pelo design de fachadas de centenas de edifícios em Itapema e em diversas cidades do Brasil.

Eduardo tem 43 anos de idade, é casado com Fabiana e pai de Layla Vitória e Luna Chiara.

Membro da Academia Itapemense de Letras desde 2006, ocupa a Cadeira nº 38, que homenageia o pintor Victor Meirelles.

A PSICORAPSÓDIA DOS SEGUNDOS FINAIS

Borboletas são azuis.
Hum...
Agora são mul-ti-co-lo-ri-das.
São seis.

...

BATE, BATE, BATE, BATEU FOOOOOORTE

CORAÇÃO BATEU FORTE QUE DOEU

...
O diabo vermelho deu risadas.
(acho que tem medo)
Deve ter culpa no cartório.

...
Meus amigos são legais...
gais...

gais...
Ouviu o eco?
Não?!

Acho que é dentro da cabeça mesmo.

. ... - --- ..- / -- --- .-. .-. .-. --- ---
/ -.. . / --- ...- .-. -.. --- /

Que luzinhas bonitinhas.

Será que um dia serão estrelas cadentes?

Vou fazer um pedido:

Etnerf arp sárt ed revercse oreuq

...
Mas quem é aquele?

Ah é!

Esse aí no chão sou eu.

Toc, toc...

Num “tô”

Fui “compá” “péda”, ué!

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Já fui?

...

Acho que é de noite agora

“Tá” ficando escuro

Vou pegar o meu casaco

(não consigo me mexer)

ORNAMENTO E CRIME

Regurgitar
Escovar os dentes
E se maquiar

Batom para os lábios
Lápis para os olhos
Rímel para os cílios
Delineador, blush e sombra

Um pouco de pó na face
Para esconder as imperfeições

Um pouco de pó no nariz
Para esconder a consciência

Lingerie provocante
Vestido preto curto
Par de sapatos de saltos

Pronta para simular
Jantar, amar e gozar
Chegará em casa pela manhã
Para regurgitar

MEU PEQUENO ROUSSEAU

gritei:

*Liberdade!
nem que, para isso, tenhamos que
voltar a andar de quatro patas
num franco renascer
neandertal iluminista
embalado em manta vermelha
a brincar com martelos e foices*

neste momento que veio à luz
minha criança peluda
de sorriso simples
olhos sonhadores
e bondade evidente

dei-lhe o nome de
Meu Pequeno Rousseau

logo o coloquei à frente
do Diretório Acadêmico
do jardim de infância
onde exigiu chupetas coletivas
leite com chocolate
e igualdade na cota diária de fraldas

e ele conseguiu
Mon Petit Rousseau era um sucesso

os outros bebês
queriam ser peludos como ele
a “nanar” em mantas vermelhas
apesar de temerem as foices e os martelos
“Faz dodói” — diziam

os pequenos clones
viveram em plena utopia
até a fraternal animalidade
converter-se em rosnados e mordidas
e o bebê com mais dentes
passar a dar ordens

Meu Pequeno Rousseau chorou
voltou aos meus braços
e falou baixinho em meus ouvidos
que viajaria para outros jardins
e devanearia caminhando solitariamente
a levar liberdade em suas patas

uma lágrima cortou-me a face
falei:
*Será que as crianças sempre
corromperão as histórias mais belas
enchendo-as de lobos, bruxas e
saqueadores?*

Meu Pequeno Rousseau diz que não
eu digo:
Sim

mudei minha forma
de ver o mundo

ANIMÁLIA

Foi assim:

do dia para a noite
(num estalo)
tornamo-nos animais

surpresa geral:

um vizinho virou cão
outro virou coruja
na calçada, havia um apaixonado casal bovino:
ele touro, ela vaca

na igreja, entrou um louva-a-deus
(com bíblia embaixo do braço)

na academia, um hipopótamo malhava
(e suava feito porco)

pela porta do salão de beleza, entrou uma cobra
(e topou com um pavão que saía)

espantosa quantidade de ratos
transitavam pelas ruas
e também hienas, preguiças, elefantes,
moscas e galinhas

muitas pessoas sumiram
(viraram micróbios)

o mundo voltou a respirar
o mato cresceu rápido pelas ruas
trepadeiras cobriram os prédios
e todos começaram a ser felizes
(cada um de sua maneira)

eu tornei-me andorinha
pois passava a vida com a cabeça nas nuvens
a imaginar pessoas, lugares, palavras e porquês
 (objetos dos meus cantares)
meus únicos desejos tornaram-se:
os raios de sol, que me despertavam
o vento no rosto
e a altitude

(pois, quanto mais alto, maior o sorriso
e mais fortes as batidas
de meu coração animal)

ROMEU & JULIETA

ela doce
 eu salgado
por vezes
ela é a salgada
e eu sou o doce
 não importa
doce com salgado é delicioso
é sabor proibido
 excitante

vale Mercúcio sacrificado
Tebaldo morto

ela, goiabada, perde um pouco
eu, queijo, também
agora somados em nova iguaria
(veneno irresistível ao paladar)
 nós: Capuleto e Montecchio
 mesclados em total prazer
 ao final do quinto ato
 caminhamos juntos
 para a eternidade
 de sobremesas e sobrevidas

REFLEXÃO SOBRE A VELOCIDADE DAS HORAS

é bom sentir a luz da manhã

volto à minha filha recém-nascida
que, do escuro do ventre,
foi à claridade da aurora
e acalmou-se com o raiar do dia

a mãe cansada
desejosa de mão firme
olhou-me com ternura
disse:

É nossa filha

e sorriu

(com tal beleza
que nem Leonardo

saberia retratar)

passamos a vibrar
em tom de consciência superior
soávamos *país*
e tudo mudou
discursos

visões
ações
num fenômeno estarrecedor
inexpressível em verso e prosa
(só se permite sentir)

nos reconstruímos
em risadinhas
balbucios
e carinhos
nossa vez de educar
ensinando
reprendendo
e aprendendo

é impressionante como o dia passa rápido

UM COPO DE LEITE

o que me dá sono
não é apenas a tarde de domingo
o discurso interminável
a poesia sem nexos

não é só o sexo
o fogão à lenha
La dolce vita, de Fellini
ou o novo vencedor do Oscar

não são apenas os pseudointelectuais
as críticas usurpadas
paredes diplomas
água morna
paisagens em cor pastel

meu sono é embalado pela mesmice
que murmura uma leve canção de tédio.

O MUNDO DOS SONHOS

temia a imprevisibilidade do sonho

a qualquer momento

um monstro

poderia sair

de um armário qualquer

hoje

ao contrário

temo as certezas da realidade

(sinto falta dos sonhos)

O INFERNO

(chaves na porta)

não saem?
não sabem que estão lá
pensam que lá fora
pode ser pior



ESTELLA PARISOTTO LUCAS

membro vitalício — AIL

Com formação multidisciplinar, a paranaense Estella Parisotto Lucas é escritora de contos, romances e poesias. Faz publicações digitais em sites, blogs e redes sociais. É membro da Academia Itapemense de Letras desde 2007. É autora de *Oblívio — um romance de vida* e coautora de *Constelações Sistêmicas — Perceba o*

Imperceptível, Envelhecimento Ativo e Feliz e A Expressão da Arte em 22!
Psicanalista, neuropsicopedagoga e graduada em Letras, acredita que, a partir da cultura e da educação, um povo pode alcançar maior consciência sobre suas responsabilidades com o bem comum. Utiliza a arte literária para escrever sobre a vida social, seus costumes e fazeres, que se perpetuam pelos enlaces das memórias nas relações humanas.

É TEMPO DE VIVER A SENSIBILIDADE QUE HÁ E VIBRAR VIDA!

Hoje ouvi uma frase que me levou para um lindo passeio. Não sei se conseguiria repeti-la, já nem lembro mais exatamente como foi dita. Sei que, de alguma forma, as palavras chegaram até mim e delas parti. Abri um portãozinho meio enferrujado para dentro de mim e me deixei ir... flui na leveza!

Me permiti, por alguns minutos, me reconciliar com a minha vida, senti meu coração bater mais forte, como se estivesse conversando comigo e me incentivando a caminhar ainda mais para o encontro comigo mesma. Lá continuei...

De repente, em um piscar de olhos, me vi em um lugar singular, no meu próprio espaço de leveza, tão leve que eu flutuei. Ao flutuar, senti cheiro de infância, de algodão doce de parque de diversões e o mesmo conforto da segurança do colo dos meus pais. Escutei, ao longe, uma suave melodia, alguns pássaros cantando e me desejando boas-vindas. Acolhida e imersa em emoções, me deixei sentir!

No meu espaço de leveza, não havia tempo ou tempo verbal. As paredes não existiam, tampouco o chão ou o teto. Não havia distâncias, eu podia ir de um lugar ao outro suavemente, porque também não havia pressa alguma. Havia, sim, serenidade e uma sensibilidade aguçada, perceptível nas lágrimas de contentamento, que discretamente rolavam no meu rosto.

Era uma sensação única, diferente de todas as que eu já havia vivenciado. Um despertar sem fórmulas mágicas, sem pó de

“pirlimpimpim”, apenas um intenso reconhecimento de pertencimento, uma nova consciência acompanhada de muita gratidão. Um lindo presente recebido em um dia qualquer.

Naquele espaço, que pode parecer meio fantasioso, encontrei uma caixinha de madeira com lindas flores pintadas à mão com as minhas cores preferidas. Eram cores vibrantes, como as sensações que me envolviam. Abri a caixa, e havia dentro dela um pequeno pedaço de papel rasgado, como se fosse de um canto de uma folha de caderno. Tinha alguma coisa escrita, reconheci a letra da minha avó paterna, era um recado endereçado a mim e dizia que eu poderia, a partir daquele momento, transformar tudo, absolutamente tudo o que eu tocasse ou que meus olhos alcançassem.

Levei um susto ao ler aquela frase e fiquei meio sem saber o que fazer. Na verdade, parei por alguns segundos no tempo, como se precisasse daquela pausa para reorganizar meus pensamentos e sensações, mas, como é da minha natureza, logo questionei: *Como assim? Transformar com um toque? Com um olhar? Nunca!*

Meio ainda sem acreditar em tudo aquilo, olhei para um lado, olhei para o outro, procurando um objeto ao qual pudesse dedicar a minha atenção e experimentar o presente que havia recebido, mas eu estava no vazio, e tudo lá era inconstante. Em um segundo, havia algo, no segundo seguinte, não havia mais nada.

Resolvi seguir por uma trilha que apareceu bem na minha frente, de grama verde e pequenas flores coloridas nas bordas.

Comecei a caminhar e, alguns minutos depois, não sei precisar quantos; vi uma coruja branca de asas longas voando em minha direção. Era linda! Naquele instante, admirando a sua beleza, afirmei para mim mesma que não havia motivo algum para mudá-la, apenas fechei os olhos e senti o deslocar do vento, quando ela passou por cima da minha cabeça e continuou seu lindo voo.

Um tempo depois, vi um rato correndo perto de uma grande árvore, mas um enorme de um rato, daqueles que pareciam mais um gato. Achei tão estranho e pensei comigo: *Grande assim, esse rato está muito desproporcional. A cabeça é pequena demais, e o corpo gigante. E não tem rabo! Como assim, um rato sem rabo? Não pode! Mas já sei, eu posso deixá-lo bem mais bonito aos meus olhos! Posso transformá-lo em um ratinho lindo, bem pequeno e fofo.*

Me enchi do poder transformador da caixa que havia recebido e olhei intensamente para o rato quase gato, na mais profunda tentativa de torná-lo diferente do que ele era, mas nada aconteceu. Claro que nada aconteceu, e eu, por alguns instantes, me frustrei. O rato, por sua vez, seguiu feliz o seu caminho. Eu, então, ri! Pensei comigo mesma: *Que boba eu fui de acreditar que seria possível brincar de transformar.* Coloquei-me no meu lugar, um ser comum que sou, e continuei meu passeio.

Um pouco mais à frente, encontrei um homem, e dele jamais esquecerei. Digo que ele foi o homem mais surpreendente que passou pela minha vida. Era tão feio que quase dava medo de olhar, mas, ao mesmo tempo, havia algo de familiar na sua maneira

de caminhar que me fez sentir empatia instantânea, então, sem receio algum, respondi ao seu sinal.

Ele veio andando tranquilamente em minha direção, parou ao meu lado, levantou o cantil prata que carregava e perguntou se eu queria beber água. Sua fala era doce, e seu olhar me chamou muita atenção. Tinha algo lá. Mesmo sem conhecê-lo, senti uma certa quietude ao seu lado e, corajosamente, disse que sim, que queria água, e ele, prontamente, me serviu um copo.

Muito curiosa que sou, perguntei o que ele fazia lá. Ele olhou para mim e com seu sorriso terno disse: “Eu, eu apenas entrego!”.

Claro que não me falou mais nada sobre ele, apenas levantou o seu cantil, encheu o meu copo de água novamente e disse ao se despedir: “Está tarde, preciso continuar. Continue você também. Olhe, há uma linda cachoeira naquela direção. Lá, você não terá mais sede. Vá! Vá até lá!”.

E, para aquela direção, eu fui!

Ainda segurando o copo, comecei a caminhar serenamente, com o coração aquecido, algo havia me trazido conforto naquele encontro. Resolvi olhar para trás para, mais uma vez, agradecer ao homem pela água que havia me servido e que surpresa tive eu!

Enquanto eu me virava e olhava para aquele homem tão feio, tão pequeno, parado no alto da colina, ele se transformava em um belo cavalo negro, tão belo quanto generoso e, mais uma vez, se aproximou de mim, agora em uma linda cavalgada. Ele permitiu

que eu olhasse no fundo dos seus olhos, que me chamaram tanta atenção, e eu fui além. Fui lá no fundo, dentro do seu ser e encontrei clareza! Uma clareza que, há muito tempo, procurava. Houve silêncio... o tempo parou, os relógios não mais eram precisos. Na infinitude daquele olhar, nos despedimos!

Respirei profundamente...

Ao longe, comecei a ouvir o barulho das águas que caíam da imensa cachoeira que pude ver ao me virar. Águas cristalinas, repletas de luz.

Percebi, então, que posso transformar a maneira como vejo tudo e todos, mas apenas no instante em que eu consigo olhar, também, a partir do espaço do que ou de quem quero transformar. No entanto, quando chego ao espaço do outro, nada há a ser transformado, tudo é perfeito — exatamente — como é! O que uma vez pensei em mudar no outro reflete em mim, me toca e me transforma da maneira mais genuína, mais singela e mais humilde possível.

O meu espaço e o espaço do outro tornam-se um único espaço, de muita leveza, de integralidade, onde a coragem, a compaixão e o perdão vivem e são forças propulsoras da mais exuberante forma de vida e juntos reverberam amor pulsante em todas as suas formas.

E em contato com esses outros refúgios, com esses espaços de outros seres, aos poucos, vou me tornando mais eu. Deixo que o meu vazio seja preenchido por tudo aquilo que me nutre e que

me torna melhor. Contribuo para que o outro, também, seja preenchido daquilo que lhe nutre e lhe faz bem. Contribuímos um para a cura do outro e para o bem comum.

Ainda em êxtase, percebi que começava a ser rodeada de sorrisos. Eram vários os rostos que vinham ao meu encontro. Alguns tão meus, outros nunca vistos, que desnudam seus seres, se aproximavam e traziam um pouco de tudo aquilo que ainda experimentaria durante a minha caminhada, a minha jornada única, a minha transformação!

Reconheci, no fundo da minha alma, que havia e há beleza em tudo, por mais que eu pudesse julgar como feio. Há Amor em todos e em tudo, mesmo que haja tanta dor e sofrimento. Eles também fazem parte, e é na forma como olhamos, como concebemos as ideias e os outros que encontramos as chaves para as outras portas, aquelas que ainda iremos abrir e que nos conduzirão rumo ao ainda desconhecido.

É a abertura que damos para o novo, para a maneira como nos comunicamos uns com os outros, é o quanto nos dispomos a viver que nos permitimos ser resgatados, através da sensibilidade que nos abraça pela arte, pela palavra, pela melodia...

É na vida que nos disponibilizamos a viver! É vivendo que nos reconhecemos parte, e é na parte, no micro e pequeno fragmento, que nos permitimos um lindo encontro com a imensa integralidade, com a plenitude e com o amor que nos conduz!

Nutrida desse Amor, voltei!

Voltei mesmo querendo lá ficar, sabia que era hora de voltar. Continuei rumo ao meu portão, agora não mais enferrujado.

Aquele passeio havia terminado, mas outros acontecerão. Assim são os ciclos da vida, os inícios e os fins, os recomeços. Um conectado ao outro em um infinito de possibilidades amorosas de encontros e descobertas.

Nas lembranças do passeio, guardo o respeito pela verdade do outro e a certeza de que podemos, a qualquer momento, nos pacificar com a vida.

Podemos ressignificar nossa história e recomeçar, afinal é tempo de deixar florir a delicadeza, tempo de deixar mostrar que nada do que foi vivido pelos que estiveram aqui antes de nós, ou por nós mesmos, foi em vão!

E em outro piscar dos meus olhos, vi o presente que havia recebido, uma linda flor branca, um jasmim, o meu vibrante jasmim!

BANHE-SE

Banhe-se
No perfume dos seus próprios desejos
Permita-se vivê-los
Com serenidade na alma
E leveza nas atitudes.

Desconfie de receitas prontas
Ou de cópias recheadas de normas e regras,
Aqueles fazeres perfeitos
Para a perfeição inexistente.

RECONHEÇA-SE!

Desembarace seus próprios nós
Com amorosidade
Teça seu manto de gratidão
Manto de proteção.

Nutra-se da vida que habita seu ser
Dê um bom lugar à sua história
Honre suas raízes e voe
Voe lindamente!

Há trajetos só seus
Desbrave-os!

HÁ TEMPO

Há tempo para arar a terra
Plantar, esperar germinar, crescer e colher
Há tempo de florir, embelezar, encantar
Tempo de deixar as pétalas caírem, de renovar e florescer

Florescer mais uma vez, tantas outras vezes

Há tempo de acolher, silenciar, preparar, de gestar
Há tempo de deixar brotar, de nascer
Há tempo de deixar-se crescer
Viver a plenitude da sua idade, de cada idade

Tempo de abrir novos espaços para realizações, ter novas conquistas

Há tempo para aguardar, guardar as asas, cuidar das plumas até o próximo voo
Há tempo para refletir, decidir
Voltar atrás, fazer diferente e seguir
Seguir leve, pacificado com o que se É, com o que É

Há tempo para ser grato
Tempo para reverenciar, reconhecer-se parte
Tempo de reverberar o grande amor
Tempo de viver intensamente

Há tempo para tantas coisas... Tantas...

Só não percamos tempo
Pois aí... aí poderemos não ter mais tanto tempo assim
Afinal, poderá ser tempo de morrer e
De renascer em Novos Ciclos de Tempo!

DE VONTADES

Que nunca seja desperdiçada uma boa vontade

Vontade de acreditar que é possível

Vontade de olhar para dentro de si

Vontade do reconhecer de virtudes e limitações

Que nunca seja perdida a capacidade de transmutar

De lidar com duras frustrações

De saber o limite do ir e do fazer

Do sorrir, do dar e receber

E que seja permitido, a qualquer momento, o despertar

Despertar de uma consciência mais amorosa de “Ser”

Despertar para o próprio “Ser”

Que se É

E, então, em passos constantes

Em ritmo singular,

Leve e apaziguado consigo

Seguir...

Seguir em flores

Por vezes dores

Mas sempre...

Amores!

ACOLHER

E, nessa linda jornada, há de se acolher...

Acolher quem somos, quem fomos

Acolher o que foi, como foi...

Acolher nossa pequena criança

Dizer sim para o nosso ser

Nossas metades essenciais

Nossas escolhas

Nosso hoje

Há, também, de se acolher as tristezas, as dores...

Contudo esvaziar-se do que se cumpriu...

Do extra que insistimos em manter

Que, por vezes, causam sofrimento

Há de se acolher, reconhecer, nutrir e deixar florescer...

Dizer sim ao momento

Expandir no pulsar da mente

Conectar-se à Grande Alma

Vibrar em amor e vida... Viver!

DAQUELES DESEJOS

*Que cada um consiga
Conviver com seu bem...
Com seu mal*

*Que limites sejam aceitos
Perdoados
Pacificados*

*Que o respeito esteja presente
Constante, limpo, claro
Jamais velado, adormecido ou esquecido*

*Que as diferenças tragam desenvolvimento
Sabedoria e serenidade*

*Que o brilho reluzça incondicionalmente
E que a vida seja intensa...*

Vívida!



HAROLDO AUGUSTO MOREIRA

membro vitalício — AIL

Haroldo Augusto Moreira, poeta e autor dos livros de poemas: *Primas e Rimas*; *Auroras*, *Percepções Acolhedoras do Cotidiano*; *Reflexões Poéticas do Ser*; *Cópia Fiel Versificada*; *Sonetos e Duetos*; *Motivos Emotivos*; *O Algo a Mais da Poesia* e *Terra Natal*. Graduado em Administração de Empresas, com mestrado em Recursos Humanos, é professor aposentado do sistema público de educação, onde exerceu também as funções de coordenador de cursos e de diretor geral de campus.

A CAMINHO DA LUZ

Por força de sobrevivência, o sol é fonte de vida.
Toda natureza depende do nascimento desse astro rei.
Sua energia é tão necessária que o nosso viver consolida.
Essa luminosidade é de graça, emana da natureza por lei.

Quando estamos nas trevas, a nossa visão procura
essa claridade natural, para a existência prosseguir.
É um bálsamo divino, que todos os males terrenos cura.
Ao nascermos, abandonamos a mãe, para a luz seguir.

Em junho, comemoramos o solstício de inverno,
mês em que se transcorre a noite mais longa do ano.
Nessa época, a busca de calor faz o homem mais fraterno.
É o calor solar que está mais afastado do ser humano.

De igual forma, em dezembro, temos o dia mais extenso.
Esse acontecimento denominamos de solstício de verão,
quando o período de aquecimento solar é mais intenso,
existe mais vida na Terra. Estamos longe da escuridão.

Seria coincidência? É a data do nascimento de Jesus.
Claridade total para a humanidade em todos os sentidos.
A proximidade com as festas de ano novo nos induz
ao renascimento do amor. Nos faz na fé comprometidos.

Em compensação, quem nasce na noite de maior tempo
caminha em direção ao rumo que mais se ilumina.
Cada vez mais, vai ficando para trás o escurecimento,
com impressões mais coloridas para o registro da retina.

A PASSAGEM DO MESTRE

Quando ele esteve aqui, demonstrou por que veio.
Seguiu por caminhos que o seu coração desse acesso.
Blindou a sua mente para que o humanismo tivesse asseio,
fosse límpido de todos os sentimentos por ele expresso.

Todos que presenciavam as suas intenções pessoais
sentiam que eram direcionadas ao benefício coletivo.
Não eram posições alheias, tinham metas consensuais.
A sua ação edificava causa nobre com efeito positivo.

Era normal vê-lo num desempenho para o bem frutificar.
Embora fosse uma fonte cabível de auxílios de seus pares,
o seu esmero fazia admiradores em vê-lo o bem edificar.
Os feitos eram tão pródigos que os traziam exemplos ímpares.

Na verdade, é que existem pessoas com dons fora do comum.
O exercício de seus talentos vai além das meras expectativas.
O famoso chavão que expressa “um por todos e todos por um”,
nem sempre acaricia a totalidade das motivadoras iniciativas.

Essa foi uma história que me repassaram com cumplicidade.
Não conheci o autor de tão expressivos e gratificantes méritos,
mas vi nos olhos dos seus contemporâneos a generosidade
da pessoa saudosa, que os motivaram com seus beneméritos.

Encontro-me diante de uma honrosa e difícilíssima missão.
O meu antecessor eminente deixou-me incentivos abnegados,
mas a responsabilidade espontânea dessa auspiciosa admissão
permite que Pedro Quadros Du Bois prossiga com seus legados.

AS ALPARGATAS DO GARI

São estes calçados que sustentam o serviçal ambulante.
De carona nas suas necessidades, se fazem de andarilhas.
Indefinidos quilômetros devem suportar este fardo ofegante,
livrando-o de tantas recaídas nas cotidianas armadilhas.

Quantas vezes esta pessoa tem passado por mendiga,
em pleno desempenho de suas funções indispensáveis.
Nem sempre surgem uma boa alma que bendiga,
uma palavra de estímulo às suas atitudes incansáveis.

Às vezes, é necessário sentir-se nestes rotos calçados.
Trocar a comodidade pelo desconforto de tantos passos
perdidos. Só assim, saberemos como apertam os sapatos,
situações adversas que lhes trazem os descompassos.

Quantas decisões tomamos sem considerar o estranho.
Olhamos apenas o nosso lado, onde o conforto persiste.
Quase sempre não observamos o estrago no sonho
do desfavorecido que, para muitos, é normal ser triste.

Os pés que exigem calçadas limpas para transitar
podem não ter os objetivos assim tão excêntricos,
mas, quem sabe, um pretexto leviano para possibilitar
um caminhar impactado com ideais endêmicos.

Quem me dera se pudesse andar com estas alpargatas,
sem me sentir ridicularizado e sem medo de pudores.
Medir as minhas ações com generosidades sensatas.
Amar, sorrir e perdoar, assumindo estes dignos valores.

CARA-METADE

Meus olhos assaltam quando vejo sobre a mesa.
A bandeja de pão de queijo e a cuia de chimarrão.
Coisas incomuns, mas que me deixa a vida acesa.
Não combinam, mas são os doces do meu torrão.

Assim são os lados da moeda e seus significados.
Seus valores são iguais, com símbolos diferentes.
Não há como alterá-las, têm os mesmos legados.
Juntas são fortalecidas para serem equivalentes.

O que falta na gente pode estar em nosso par.
Quem ainda não encontrou dá um jeito e arranja.
Às vezes, a outra parte nem em tudo vai participar.
Não é como encontrar o outro lado da laranja.

São aspectos que nem sempre a mente trabalha.
A pessoa escolhida para conosco dividir a vida
não tem por obrigação reparar a nossa falha.
Como nós, também precisa ser compreendida.

Eu e minha cara-metade ainda somos aprendizes.
Além de nos amarmos, também nos desentendemos.
Isto só acontece para as soluções serem felizes.
Juntos descobrimos as possibilidades que temos.

Também no amor, não estamos na sua plenitude.
Sempre falta alguma coisa para o outro satisfazer.
Quando o sentimento se encontra na juventude,
é prazeroso demais o erro, no namoro, refazer.

CATADORES DE SONHOS

Dizem que “poluição é riqueza em lugar errado”.
Em mentes sábias, lixo é matéria-prima de primeira.
Na vida, “nada se perde tudo será transformado”.
É a lei da natureza que supera qualquer cegueira.

Não é bem assim que acontece o desenvolvimento.
Os serviçais que recolhem o descarte da sociedade
são invisíveis aos desatentos olhos do sentimento.
Eles trabalham no submundo da nossa realidade.

Sempre vejo uma carroça se deslocar para a periferia.
Lotada de materiais recicláveis no comando sonolento.
Alimentam-se do que podem e adormecem na carroceria,
no anseio de recolher o resto do nosso farto sustento.

Por trás daquela roupa tosca, há um coração a pulsar.
Uma honra lavada pelo suor do seu corpo fatigante.
Um olhar carente a quem possa a atenção dispensar
à sua nobre missão. Qualquer trabalho é gratificante

Que tarefa necessária elenca essa humilde ocupação,
mas não vejo nenhuma recompensa de imediato
para esta classe digna de aplauso e de admiração.
Ser promotor da limpeza não é nenhum desacato.

Mas sinto a sua família ser protegida e amada,
embora não veja este gesto de amor extraordinário.
Tenho certeza, esse ato é a recompensa amparada,
pela falta do recurso que complementa o seu salário.

DOMICÍLIO AMBULANTE

Eu vi a corruíra se aninhar no trem do vagão,
que aguardava reparos no pátio ferroviário.
Qualquer pessoa que não tenha princípio pagão
sabe do perigo em morar num ambiente temerário.

Mas a ave é desprovida de raciocínio lógico.
Apenas cumpria o seu papel natural de procriar,
enquanto os seres dotados de um dom psicológico
consideravam todos os ricos do local apropriar.

Em pouco tempo, surgiram três filhotes famintos.
Sempre um dos pássaros enxotava os visitantes,
permitindo o outro adentrar nos estreitos labirintos
da máquina férrea, para tratar os novos habitantes.

Que exemplo de família consciente de seus deveres,
cumprindo o seu papel de propagar a descendência.
Convicta de que estava em pleno gozo dos afazeres,
mantinha sua prole na mais cômoda displicência.

De repente, serviçais com apenas interesses técnicos
fazem a manutenção e liberam o veículo para a viagem.
Desconsiderar a ninhada não fere conceitos éticos.
O que estava em jogo era o conserto da carruagem.

Que agonia de quem fica e a inocência de quem vai,
incapazes de entender esta funesta transposição,
nesta viagem, jamais prevista nos planos do pai
e da mãe, meigos passarinhos da minha estimação.

LA CUMPARSITA

Marca sonora indelével da minha existência,
ouvida aos sons das antigas vitrolas de corda.
Acordes magistrais que despertavam a eloquência
para assimilar a sinfonia que a emoção transborda.

A música é como o idioma do amor. Sem fronteira.
Chega ao coração amenizando o seu pulsar,
de maneira tal, que nos deixa de alma lisonjeira,
incapazes dos sentimentos extremados expulsar.

Infinitas vezes silencieei-me diante da sua melodia.
Sempre me emocionei, sem permitir um talvez.
Embora vibre ao ouvi-la, sem referenciar o dia,
nada se compara à audição pela primeira vez.

Em passos acanhados, já simulei a sua dança,
imaginado, nos braços, a garota dos meus sonhos.
Como plumas aladas, até onde o vento alcança,
invadimos intimidades em colóquios risonhos.

Nem sempre a letra musical com a harmonia afina.
Nunca atentei para os significados de seus versos,
mas a música chega antes, e o meu ânimo destina
as notas contidas nos meus improvisos dispersos.

Desafinado, entono a música em ritmo de tango.
Compasso tradicional que ficou marcado na mente.
Se estou triste, me entrego à canção e não me zango,
mas, se estou feliz, retomo a capela em suave repente.

PRIMEIRA ESTAÇÃO

Para quem faz aniversário no último dia do inverno,
tem a primavera como a sua primeira estação.

Nasceu com um início do clima risonho e terno,
com o desabrochar do período de intensa floração.

É uma largada para a vida em alameda colorida.
Sai blindada com o ramalhete das mais belas flores.
A natureza é pródiga em lhe fazer bem recebida,
num ambiente propício para a prática dos amores.

É um contentamento compartilhar desse privilégio.
Sentir o momento abrindo as portas para lhe abraçar.
Contagante é o entusiasmo de menina de colégio,
júbilo que jamais poderia ter o prazer de alcançar.

Nessa época, o cenário é um convite ao romance.
As plantas ornamentais estão ansiosas para florir.
O beija-flor, no seu assédio diário, passa de relance,
à espreita de que novas pétalas possam surgir.

Os jardins, de cara nova, renovam os semblantes.
As abelhas, à procura do néctar, visitam as floradas.
Os pássaros, recolhidos, retomam seus voos rasantes,
e as pessoas interagem com as mentes arejadas.

Neste vinte e dois de setembro, quando tudo floresce,
ensaiarei mil declarações em verso e em prosa,
mas não tenho como lhe oferecer a flor que merece.
Em plena estação das cores, você é a minha rosa.

O DESTINO DA ROSA

A noite estava começando e prometia suspense.
Galera agitada e com o entusiasmo à flor da pele.
A expectativa era de uma surpresa que compense
a boa nova, antes que algum imprevisto atropelasse.

Além das flores, a alegria ornamentava o cenário.
Cumprimentos gentis e entrega de presentes
brindavam o requintado clima de aniversário.
Nada justificava os pesares dos amigos ausentes.

A valsa da aniversariante ocorreu logo em seguida.
A menina linda de sorriso encantador e cativante
bailava como pluma, de traje branco vestida.
No salão, qualquer jovem exibia o coração delirante.

Quando vi a morena de olhos negros passar,
senti um entusiasmo incontido tomar conta de mim.
No meu semblante, foi notório a emoção descompassar,
mas ela era a flor cobiçada, e eu, apenas um jasmim.

Num impulso, retirei o botão colorido da lapela.
Encabulado e sem esperança, aquele mimo ofereci.
A diva, amavelmente, recebeu a oferenda singela,
contudo até eu tive dúvida se aquela atenção mereci.

Enfim, tudo voltou ao normal. Acabou a festividade.
Foi como um sonho. Um livro, por mim, jamais lido.
Principalmente, quando a moça mostrou, com vaidade,
nos cabelos, a rosa vermelha que lhe tinha oferecido.

O LUAR DE ADÉLIA

Debruçada sobre a janela da solidão,
da casa pequenina, erguida à beira da mata,
o olhar da jovem deslumbrava na imensidão,
tendo como cenário o luar vestido de prata.

Nada tão místico como as sombras peregrinas,
surgidas à média luz da lua branca, sem rasuras.
Lá fora, a vida galopava segura nas clinas
do cavalo luzeiro, que fugia das noites escuras.

No espelho da água, refletia a imagem lunar.
Na imaginação da moça, figurava paz reinante
que a sua alma campestre vinha abonar,
naquele momento esplendoroso e alucinante.

Nada igual como assistir àquele espetáculo
da natureza, mistificando o ambiente bucólico.
Somente o anseio ardoroso se fazia de oráculo
para profetizar um paraíso terreno simbólico.

Quantos príncipes surgiram na mente de Adélia?
Reinos encantados e amores jamais esquecidos.
Cada estrela no infinito transformava em camélia,
flor de aroma único nos seus desejos incontidos.

Quando a noite se acaba e o sol já se desponta,
o sonho se desfaz, e a ilusão, no silêncio, acama.
Quando a fantasia é bela, a surpresa apronta,
sem importar que, no peito, o coração reclama



ILDA HELENA CEZAR

membro fundador — AIL

Ilda Helena Cezar, catarinense, nascida em Descanso (SC). Graduiu-se em Pedagogia com Habilitação em Supervisão Escolar pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas (PR). Atuou como professora de anos iniciais por 28 anos. Pós-graduada em Fundamentos da Educação, Gestão Escolar em Administração Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional. Mora em Itapema desde 1998, quando ingressou como supervisora escolar na Rede Municipal de Ensino de Itapema, através de concurso público. Membro fundador da Academia Itapemense de Letras.

SAUDADE

Saudade é algo que dói
Dói muito,
Dói no peito,
No coração,
No fio de cabelo,
Na índole,
Na emoção
E até no dedão do pé.
Saudades, quem não sente?
Só mesmo quem não é sensível
Não ama, não tem sentimentos.
Saudades da infância,
De um momento,
De um brinquedo,
De um sorriso,
Um trejeito.

Saudades é querer abraçar alguém especial
Tão especial que não temos palavras
Para decifrar o que sentimos
Dor que abre o peito como se fosse um furacão
Lágrimas rolam sem controle
Lembranças nos vêm à mente,
Procuramos lembrar o rosto
Mas o tempo e a distância nos confundem
E a saudade volta a doer.
Lembramos da sua beleza singular,
Do seu bom humor.
Todos os dias, tudo o que vemos lembra você.
Conforta-nos saber
Que, breve, estarás de volta
E essa dor será só felicidade,
Esperança e amor.

(maio de 2004)

CHEIRO DE MÃE

Que cheiro
Tem mãe?
De amor,
De dor ou
De saudades?
De suor
Do seu labor, do sofrimento,
Do pudor?
O que vale é sentir
É reconhecer
O cheiro de alguém
Que ama,
Seja pelo seu perfume
Ou seu cheiro natural
Sempre lembrarás
Que aquele é o cheiro
Daquela que te gerou,
Criou
E deixou Marcas na sua vida.
E você, mãe?
Que cheiro tem?

(2005)

FORASTEIROS

De todas as partes do Brasil,
Vieram, formaram o elo
Da miscigenação
Das raças
Enriquecendo a cultura
Sonhando com a cidadania
Sem discriminação
O que seria, se não estivessem aqui?
Uma cidade sem vida,
Pacata, empedernida
Pelos poderosos
A cidade mudou,
O comércio cresceu
O povo se uniu
O mar sorriu
A natureza gritou
Cuidem de mim
Não me deixem morrer!

MARIA DO BARRANCO

Bela, jovem, exuberante
Foi assim que um cavalheiro galante
Conheceu Maria e começou a lhe fazer a corte.
Levá-la consigo era tudo o que
Desejava!

A pele, uma porcelana frágil e delicada, intocada.
Olhar meigo, singelo e, ao mesmo tempo, perspicaz
Pernas roliças bem desenhadas, corpo esguio
Isso tudo aguçava ainda mais o desejo
Do ilustre desconhecido!

Assim como uma presa levada pela volúpia
Foi só um olhar rasteiro, um galanteio
E Maria caiu no charme do desconhecido
Que, sem escrúpulos, maculava todos
Os seus sonhos!

Ingênua, ferosa, não resistiu ao convite.
Montados em um lindo cavalo
Seguiram pela escura estrada na calada da noite
Levando-a para bem longe daqueles
Que a estimavam!

Longe dos seus, Maria começa vida nova
Esperançosa, submissa, cheia de sonhos
Não sabia, nem imaginava
Que tudo, em breve, seria apenas
Uma página virada!

O tempo passando, os filhos chegando
Maria, sempre bela e atraente
Mas, aos poucos, o desencanto ela percebia
Daquele que a fizera se sentir amada
Um dia!

E o inevitável aconteceu
O galanteador continuava buscando
Presas indefesas que lhe fossem amantes
E abandona Maria e seus
Três filhos!

Na miséria, sem ninguém para lhe amparar
Maria chora, labuta, mas não se lamenta
Pois era forte, sábia e verdadeira
E passa a ser uma perfeita
Tintureira!

Assediada pelos seus fregueses
Maria agora, frágil e carente
Entrega-se aos carinhos, se envolve
E tem mais dois filhos sem
Ter marido!

Para o povo daquela cidade, Maria se prostituía
E, aos olhares maldosos, seguiam os passos de Maria
Dizendo “Ela não presta, ela é uma vadia”
Mas o amor para seus filhos
Não faltava!

Sempre generosa, Maria trabalhava muito
Para dar estudo e sustento aos seus então cinco filhos
Nunca se queixava, pois a todos ela amava
E sempre que podia
A todos nós presenteava!
Mas o que ninguém esperava
Era que Maria do Barranco, assim apelidada
Por sua casa estar, num barranco, situada
Que a malvada da doença tão cedo
A levava!

E, ao cair à tarde, no toque da Ave-Maria
Num domingo, vinte de julho de oitenta
Ela fecha os olhos, serena e branda
E, com este gesto,
Deixava-nos!

Mesmo na sua hora derradeira,
Nobre, digna e verdadeira, ela se despedia
E, como se fosse um eco, ao longe, se ouvia
Adeus, saudades, minha mãe Maria...
Ia ia ia ia a a...

A PEQUENA GRANDE MULHER

Mariazinha, assim era chamada
Estatura pequena, mas grandiosa
Pelos seus feitos, e um enorme coração
Pulsava naquele peito acolhedor

No seu jeito simples de ser,
Recebia a todos com alegria,
Com uma palavra amiga

Professora de Filosofia,
Buscava nela as respostas que queria
Na dança, era só alegria ao ensinar os primeiros passos
Às crianças pequeninas, que dançar almejavam

Mariazinha, sempre forte e ativa
Mantinha viva a chama da Poesia
Poetisa nata, escrevia como ninguém
Como membro da Academia
Maria muito contribuiu com seus feitos e escritos

Desempenhou grandes papéis
Dirigiu esta egrégia casa com maestria
Participou de muitos concursos
Conquistou medalhas,
Elevando o nome da nossa Academia
Sempre que a oportunidade surgia

Em dezembro de 2011, Mariazinha se despede
Para viver na eternidade
Deixando a saudade
De quem sempre se fez presente com muita dignidade!

O GATO ALCOVITEIRO

Numa pequena e pacata cidade do interior, morava Eulália, moça bonita e recatada. De família humilde e conservadora, seus pais muito rudes, não queriam que Eulália namorasse com Olavo, pois este era muito moderno e ousado para a época. Olavo andava afoito para conhecer Eulália na intimidade. A oportunidade chegara mais cedo do que ele esperava.

Numa noite chuvosa e fria, a mãe de Eulália, indisposta, pediu licença e se retirou para seus aposentos. Olavo, safado como ele só, já sentiu que, ficando a sós com sua amada, poderia sentir mais de perto o calor de seu corpo e apagar o fogo da paixão que ardia em chamas.

Eulália era uma moça ingênua e simples que procurava a felicidade e via em Olavo o homem de sua vida.

Os dois namoravam na cozinha, no calor do fogão a lenha, e sua irmã namorava na sala, e apenas uma velha cortina desbotada separava os dois casais enamorados.

Sem pensar nas conseqüências e despercebidos da presença do gatinho de Eulália, Olavo, num gesto caloroso, tira a calcinha dela e a pendura no puxador do fogão à lenha.

A mãe e os irmãos de Eulália dormiam há poucos passos dali. Seu pai estava viajando, o que deixava os dois mais tranquilos e fogosos. Sussurros, gemidos e amassos quebravam o silêncio da noite. Eulália não estava à vontade, pois temia que sua mãe a surpreendesse naquela cena que só se via no cinema. Por ser a filha

mais velha, Eulália achava que deveria dar exemplo às outras irmãs e pedia para Olavo parar. Mas Olavo não queria nem saber o que Eulália pensava e, com os hormônios aflorados, não pensava em mais nada.

O olhar de Eulália era fixo na porta que dava entrada ao quarto onde sua mãe dormia, temendo que ela aparecesse, e esqueceu-se da irmã e de seu gatinho de estimação, que circulava entre os dois ambientes.

O medo e a tensão não deixaram que Eulália relaxasse para amar seu namorado, e Olavo, já fora de si, insistia para consumir o ato, enchendo-a de carinhos e de beijos, tomando-a em seus braços e, de repente, Eulália é salva pelo seu bichinho de estimação. O gato manhoso estava com a calcinha na boca a um passo da cortina que separava os casais de namorados, Eulália há segundos de perder sua virgindade, e Olavo, de satisfazer seu desejo insaciável. Ela dá um grito, e o gato solta a calcinha.

Por alguns segundos, ouviram-se risos e gargalhadas, embora Olavo tenha prometido acabar com o gato alcoviteiro.



IVO GOMES DE OLIVEIRA

membro vitalício — AIL

Ivo Gomes de Oliveira (Carazinho–RS, 1º/10/1949 — poeta, escritor, revisor de texto e bancário aposentado. Utiliza o pseudônimo IGdeOL). Graduado em Letras, Língua Portuguesa e Respectiva Literatura e pós-graduado em Maçonologia: História e Filosofia, escreveu três livros de poemas e participou de 12 antologias e coleções de poemas e prosa em edições brasileiras. Premiado em diversos concursos poéticos e de declamação, é membro vitalício (2007), ocupando a Cadeira nº 25 da Academia

Itapemense de Letras de Itapema (SC) e sócio correspondente (2021) da Academia Carazinhense de Letras, de Carazinho (RS). Em 2006, foi agraciado com a Comenda Letras Catarinenses — Edição Histórica da Literatura com raízes em Santa Catarina. Reside em Itapema (SC).

CALENDÁRIO

(Prêmio Literário Livraria Asabeça 2010 — Categoria Terceira Idade)

Para que computar
os segundos vividos
se na essência do tempo
não há ouvidos ao lamento
do tempo perdido?

O arcano do tempo
mantém-se escondido
no Templo da vida.

O que foi ou será
a todo o instante se dá!

O momento vivido
é energia latente,
sem passado ou futuro
toda lei é o presente.

CASA DOS MEUS SONHOS

(1º Lugar — Concurso Literário — Sétimo Salão do Imóvel —
1999 — Florianópolis-SC)

Oh, meu Deus, que bom seria
Viver meu sonho dourado
No conforto de um sobrado
Planejado com magia!...

Ouvir o canto afinado
Dos pássaros ao iniciar o dia,
Sentir o perfume das flores,
Apreciar as variadas cores
Do jardim ali formado!...

E nessa doce harmonia,
No seio dessa morada,
Nos braços da minha amada,
Viver eterna poesia!...

ANO APÓS ANO

(2007)

Mais um intervalo de tempo...
A Terra passeia em torno do sol
De mãos dadas com o poeta de escol,
De primoroso canto e forte talento...

Ano que registra, no espaço, a marcha
De dias alegres, de noites de trevas
E a esperança de vida longa
No ciclo entrante que lépido passa...

Navegação em folhinha impressa,
Memória que aguarda essências
De emoções, do pouco que resta.

Assim é que prossigo, sem pressa
Plantando e colhendo experiências
Cantando versos, fazendo serestas...

NOVO CÉU

(2008)

Na primavera alvissareira do infinito
Renovam-se os versos que escrevi contente
E um jardim florido de vivas letras
Materializa a imagem que me vem à mente...

Sou velho escriba lançado ao lago ardente
De um inferno infesto de enxofre e fogo
Para morrer junto aos rústicos e antigos textos
E renascer nas letras de um poema novo.

Assim, debruço-me, dedicado e atento,
A registrar, na lousa sagrada dos meus dias,
Os sinais expressivos deste bom alento.

E a visão apocalíptica de um novo tempo
Transmuta as dores da morte em alegrias
E a sede da beleza em fonte de alimento.

PROCLAMAÇÃO

(2008)

Uma porção de poeta germina em minha alma
Nesta noite quente e estrelada dos meus dias
E vou rabiscando o pensamento de alegrias,
Que me derrama sobre o ser agradável calma.

Verdade que, neste poema, com rigor, proclamo
Quão bom e útil o obstáculo que transponho
Na travessia lúcida deste claro sonho
Para tombar nos braços de quem tanto amo.

Meu ser desponta no firmamento infindo
Com a audição sonora de suaves acordes
Da inspiração sublime que me vem fluindo.
Agora sou o escriba de um poema lindo
E percebo, no íntimo dos seus olhos verdes,
Pétalas de amor, sobre nós dois, caindo.

SONETO

(2007)

Uma porção de poeta germina em minha alma
Nesta noite quente e estrelada dos meus dias,
Rabisco, então, o pensamento de alegrias
Que me derrama sobre o ser agradável calma...

Essa verdade que, ao mundo, hoje proclamo
De quão bom e útil é o horizonte que transponho
Descobrimo, nele, a lucidez de um claro sonho
No caminho junto à alma que muito amo.

Este sonho desponta no horizonte liso
Com prenúncios de paz, aprumo e harmonia,
Na cadência das palavras que ora friso.

A certeza de que amo é tudo o que preciso
Para abrir meus versos em poemas e poesia
E, no som da noite, vibrar solene o meu sorriso!

SUBLIME VISÃO

(2002)

Bendito o dia em que uma mão amiga
Segura conduziu-me à masmorra fúnebre,
Ermo lugar em que, em momentos, pude
Refletir premente sobre as leis da vida!...

Entre emblemas tétricos, âmbito soturno,
Sou, no ventre da terra, mais uma semente
Que o Arquiteto Sublime e Onipotente
Ali semeou, dando curso ao mundo!...

Luz instantânea inundou-me a mente,
Com visões reais do cotidiano humano,
Desconhecidas leis ao ser profano,
Mas que o neófito agora vê consciente!...

Com júbilo, assino o testamento explícito:
— Meus bens aos justos, doação eu faço,
Corpo e matéria retornarão ao espaço,
A virtude somente viverá no espírito!...

VELHUSCO

(2009)

Na madrugada, com sua quietude,
Contemplo, no passado, o mistério da vida...
Vislumbro a silenciosa e grande saída
Que a voz do calar apresenta-me amiúde.

Não mais me importa o que fiz ou o que faço
Liberto-me da prisão que o infortúnio me doou...
Foram fases de lutas que, hoje, rechaço
Para viver os dias de quem na verdade eu sou.

Quando jovem, foi o trabalho meu triunfo e lazer
Já maduro, compreendo meu êxito e sucesso
E abandono o antigo, renovando meu ser:

Adormeço guardando segredos sem ter,
Acordo com a luz inundando o Universo
E acolho a velhice com todo o prazer.

VIA SACRA

(2002)

Viandante das praias de Itapema,
Sou um andarilho a vagar sem rumo,
Da essência da vida procurando o sumo
Para aprisionar em sonoro poema!

Pescador de versos que, na rede, caía
Em minutos apenas, em fração de tempo,
Recolho as pérolas do meu pensamento
Junto aos bares desta Meia Praia...

O vento suave que em meu corpo bate
É o abraço fraterno que o Universo abarca
Ao poeta, cultivador de beleza e arte!

Agradecido sou, inspiração à parte,
Chego a mais uma estação da minha via sacra,
Um trago apenas — só de poemas não sobrevive o vate!...



JUELY ANETE TORTATO

membro fundador — AIL

Juely Anete Tortato, gaúcha passofundense, nasceu em 1947. Criada na serra catarinense, formou-se em Ciências Sociais na FACIP, em 1974, na cidade de Lages. Especializou-se em História (1987). Dedicou-se ao magistério por 32 anos, ministrando aulas de História, Sociologia e Antropologia em diversos sistemas educacionais, dentre os seguintes: Centro Educacional Vidal Ramos Junior; Colégio Santa Rosa de Lima; Colégio Diocesano; Colégio Posilages e Faculdade de Ciências e Pedagogia — FACIP.

INTERDIÇÃO

Nestes tempos de agora, está cada vez mais difícil as pessoas falarem “verdades”. Ninguém está à vontade para expressar o que sente. Será que educado é mentir para não ofender? É deixar correr solto um “laissez-faire” debochado? Bajular é o verbo da moda? Ou seria apenas mediocridade intelectual? Enfim, o que acontece?

Chego a ter a infeliz ideia de que o problema pode ter proporções maiores do que se pensa.

Percebe-se que há ostensiva preocupação pela busca do poder político, econômico, social (mais poder) e, quando esse não é viável, o melhor consolo é usufruir das benesses que amigos poderosos podem propiciar.

Se a premissa for mesmo verdadeira, quem iria falar verdades? Basta aplaudir, basta votar, basta ter atitudes de subserviência.

Essa maneira de pensar, à primeira vista, pode parecer arrogante, mas o ato de mendigar espaço, curvar-se diante de quem temporariamente exerce o mando, é, no mínimo, degradante.

Caso não aparentasse maldade, ousaria dizer que estamos diante de evidentes acessos de cumplicidade, interesses imediatos que cheiram à forte falta de aprofundamento cultural.

Não se faz necessário pensar de forma crítica para se perceber a inversão de valores que campeia por aí.

Nota-se que anda à solta um autoritarismo inculto: cogitou-se até a censura, tipo fazer cortes a tudo e a todos que não estivessem compactuando com ideias dos que ora praticam o exercício de mando.

Se isso representa a verdade, é possível pensar que: o conhecimento e a capacidade dão lugar ao apadrinhamento, e a demagogia continua mantendo relação de pouca convivência com a competência e o saber.

Ora! Se os aplausos são determinantes, convém refletirmos, quem merece ser aplaudido?

No entanto, sendo o voto instrumento válido na escolha de qualquer mandatário, seria útil antever, com carinho e atenciosamente, o futuro e reavaliar quando da escolha de dignos representantes em qualquer esfera pública.

ACERTO DE CONTAS

Quando a viagem for inevitável
Não posso descartar um pedido
Queria ir, ao som de um tango argentino
Reencontrar alguém muito querido.

É nesse tom bem portenho
Que gostaria de abraçar
Um GAÚCHO, GREMISTA e TANGUEIRO
Que me ensinou, entre outras coisas, a DANÇAR.

Fiquei devendo a esse moço
Que partiu sem meu consentimento
A última “La Cumparsita”
Que tínhamos adiado para outro momento.

Agora, junto a Deus, onde mora
Deve, no mínimo, estar tentando ajudar
A aparar arestas que, sem seu respaldo
Ficaram mais difíceis para eu cortar.

Por vezes, nos meus devaneios
TE VEJO, PAI!
Fumando charuto no posto
De camisa de linho, calça de gabardine
E os cabelinhos brancos te emoldurando o rosto.

Pela saudade! Difícil de segurar
TE PREPARA!
Uma descompostura eu vou te passar
“Tô” pensando até em te contrariar um pouco
Quando eu chegar
Em vez de outra “cumparsita”
Vou pedir aos anjos, que, no bandoneón, toquem “El Choclo”.

RECADO OPORTUNO

Desatrele-se da realidade
Ponha-se bem à vontade
Imagine que estás ouvindo
Um recado da “felicidade”.

Com elegância e diplomacia
Por certo, ela iniciaria falando
Não renunciés a nenhum convite
Porque achas que estou demorando!

Não me separe da esperança
Vá em frente
Não me espere chegar
Ame tudo o que tiveres
E trate de aproveitar.

Não me culpe pelos fracassos!
Não me busque incessantemente!
Não perca teu bom humor
Viva a vida!
Siga em frente!

Não desejes o que te falta,
De todos, esse é o maior pecado.
Nem sofra querendo que eu chegue,
Tu nem podes me ver ao teu lado!

Chamaram-me de ausência, de dor
E até de serenidade
Não dependo de grana, de sexo,
Fama, “status” ou idade.

Sou caprichosa, voluntariosa,
Conjectura, suposição
Ando livre, vou aonde quero
Sou o momento
Sou mutação!

Sou até viagem de férias!
Jogo de cartas, oração.
Sou amizade ou taça de vinho,
Um bate papo, uma canção!

Sou misteriosa e fugidia,
Harmonia ou bem-estar.
Na verdade, eu sou...
O agora
Isso não vou negar.

METADES

Descobre-se, com o tempo e a vida,
Que, inteiro, somos duas metades
Metade realizada, satisfeita
E metade de mágoa e ansiedades.

Se uma parte é de muita alegria
A outra é a mais pura tristeza
A primeira sonha, é irreverente
A segunda não tem nenhuma beleza.

Uma das partes, receosa. Sombria. Austera
A outra é ousada. Desafia. Tem opinião
Num dos lados se encontra Limites
No outro, ah! Sobra emoção.

A metade mais dura e cruel
Onde impera o medo e a solidão
Sempre tenta roubar do outro lado da gente
O entusiasmo, a insolência e a ilusão.

Não se pode permitir que esse lado angustiado
Venha ofuscar aquele outro
Onde mora a esperança
Nem impor limites nesse convívio confuso
Nesse irreverente encontro entre doces e amargas lembranças.

É importante manter as duas partes unidas
Incessantemente embaraçada
Disputando, passo a passo, o espaço em toda trajetória
Já que ambas são indispensáveis, competentes e cúmplices
irreverentes de uma mesma história.

POEMA DE AMOR AO FILHO

Devolva-me a espada, Senhor
Que te entreguei quando cheguei aqui
Vou abrir, entre os espinhos da vida
Outros caminhos para o meu guri.

Devolva-me o escudo, Senhor
Preciso de proteção! Para muito não me machucar.
Vou em busca de um sentimento muito puro
Que, para meu filho, quero entregar.

Devolva-me a bravura, Senhor
Para buscar o amor mais sincero;
Embrulhá-lo feito presente
E entregá-lo a quem mais quero.

Quero que sinta o valor do respaldo
Que se conhece na verdadeira amizade.
De lambuja, trago-lhe a intuição
Que o irá auxiliar na busca da felicidade.

Vou ao encontro da esperança e da fé
Envolvê-las em um abraço apertado
Irei ofertá-las ao meu “Tudê”, dizendo:
“Tenha força, guerreiro, Deus está do teu lado”.

Devolva-me a habilidade, Senhor,
Independentemente de tudo que já fiz
Preciso ganhar essa luta, companheiro.
Vou ajudar meu filho a ser feliz.

E, por fim, um outro pedido
Preciso falar tête-à-tête com meu Padrinho
Para que transforme as mágoas do meu garoto
Em tolerância, paciência, sabedoria e carinho.



LUIZA MACHADO DOS SANTOS

membro fundador — AIL

Aos 96 anos de idade, Luiza Machado dos Santos escreve poesias com a mesma serenidade que traz em seu sorriso. Nascida em 21 de junho de 1927, em Tijuquinhas, município de Biguaçu, Dona Luiza, como é conhecida, mudou-se para Porto Belo ainda na década de 1930 e, em 1952, logo após casar-se, mudou-se para Itapema, cidade onde vive.

Aos 17 anos de idade, começou a lecionar, profissão que a acompanhou até a sua aposentadoria como, então, professora no Colégio Estadual Olegário Bernardes.

Poetisa, é membro fundador da Academia Itapemense de Letras. Possui livros publicados, sendo *Entre Versos e Rimas, Luíza*, de 2018, um deles.

A VIDA NOS RESGATA CADA SURPRESA!

E dessa eu não esperava
Uma surpresa cultural
A qual, guardada na lembrança

As convivências, as saudades
De quantos momentos felizes junto dos saudosos amigos
Companheiros e acadêmicos

Quando nos reuníamos
Não esperava um dia voltar
Mas as surpresas sempre aparecem
Para nos surpreender, sem a gente esperar

E que surpresa!

Estava no meu cantinho
Triste... meia esquecida
Pensando, muitas vezes, em tudo e em todos
Sentindo falta e saudades.
Doente, acreditava que a maioria de minhas doenças é falta dos
amigos culturais, que a gente não se viu jamais, falta um bom papo
amigo, falta de amor no ramo cultural.

Falta daqueles encontros tão legais!

(1º de fevereiro de 2022)

SERÁ QUE VAMOS LEVANTAR MESMO ESSA BANDEIRA?

Vai ser muito importante
Desde que seja aceita por todos
Com interesse firme
Academia para ser formada
Tem que haver compreensão
Mútua entre os componentes,
Muito respeito, saber juntar as pedrinhas,
para um bom alicerce,
E saber lapidar outras para o mesmo fim;
Com o mesmo pensamento
Sem prejudicar alguém
Cada qual no seu, com humildade
Lutando por um progresso
Único com os mesmos entendimentos

Mas vamos lá. Apesar de que já estou meio esgotada, mas estou
aí para ajudar no que puder.

Recebi a surpresa com muito prazer, muito orgulho,
Acredito que já se perdeu muito tempo.
Esses dias, uma pessoa estava me falando de Bombinhas
Eu comecei a meditar em nós
Não que seja o máximo;
Já me considero uma folha seca caída, mas...
A união faz a força!
Vamos lá, com bons pensamentos
Positivos, onde há Paz e Compreensão,
Aí há Coração!

(1º de fevereiro de 2022)

8 DE MARÇO — DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Palavra mulher

Já significa coragem, grandeza

O que, até pouco tempo,

Eram masculinizada ao extremo

A capacidade da mulher

Sempre mais reconhecida e valorizada

Continuarão a formar o mundo

Qualificando melhor com força, coragem,

Energia contagiante

Com garra heroica e promissora

De quem sabe lutar e vencer

Não percamos nunca, mulheres

Nossa soberania, majestade

Sem nós, não existiria a honra

De existências familiares

Nós temos o privilégio de “dar à luz”

Ao pequenino ser e o amamentarmos

Com todo amor, pois só nós temos esse dom,

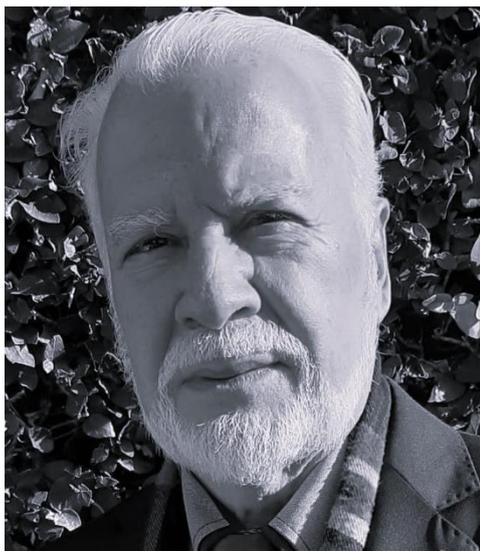
Esse privilégio, significando algo de grandeza

Pelo nosso todo valor

Por tudo, louvamos e agradecemos ao nosso Criador.

Parabéns a todas, sem exceção de raça ou cor.

(8 de março de 2022)



MAGNUS FRANCISCO ANTUNES GUIMARÃES

membro vitalício — AIL

Natural de Santo Ângelo–RS. Advogado e escritor. Membro Vitalício da Academia Itapemense de Letras desde 2002, atual vice-presidente. Autor de *Crime e Liberdade* (jurídico), em parceria com Marcus Guimarães; *O Advogado e a Pandemia*, publicação Eboc, Itajaí; *Poesias esparsas*; *Crônica: Grandes férias*; *Discursos*; No prelo: *Brizola e o Trabalhismo*. O advogado e o político, ontem e hoje.

CRÔNICA DO DIA

Um compadre meu abria seu coração e descerrava um rosário de imprecensões. “Encerrado em casa desde infausto acontecimento conjugal”, dizia ele, “sem outra alternativa a não ser curtir a solidão; enfrentar os demônios; buscar, no mais recôndito do ser, um sopro de reação, alguma coisa que pudesse me tirar da letargia, que parecia não ter fim”.

Pobre compadre!

Televisão e geladeira. Geladeira e televisão. Consultas médicas, laboratórios. Um rosário de calvário. Chegou a pensar em ser o único a sofrer a dor dos cornos. Não sabia que doía tanto. Enfim, uma cocceira danada na cabeça. Paciência. Amigos lhe recomendaram uns bailes ou alguns sites de amizades. Chegou a abrir um deles. Mas havia tanta pergunta para preencher o cadastro, os formulários, que, simplesmente, arrepiou.

Um certo dia ensolarado, desses que se sente o perfume no ar, cansado de ficar em casa, cansado de bancar o coitado, resolveu passear pela praia.

Caminhando, de cara, encontrou um jovem de calção, corpo reluzente, fortão, músculos estourando. E o sujeito, a passo de ganso, formoso e esbelto. Sabem o passo de ganso? Aquele que o sujeito estende a perna “pra” frente e bate o pé com força no chão, levantando poeira? Corou de vergonha, olhando os seus passos curtos e sem graça. Baixou ainda mais a cabeça, encolhendo patética figura.

Mais adiante, dois casais jogando frescobol. Risos e alegria. Graciosidade e força nos golpes. E mais golpes em cima do coitado do compadre, que via como os casais se completavam. Adiante, passou por um grupo praticando exercícios em aparelhos. Outra explosão de força e beleza. Mais uma hora caminhando, e viu um grupo de pessoas jogando futevôlei. Outros casais jogando Tejo. Corpos sarados, tanquinhos abdominais. É para admirar. E o compadre ali, mirrado, surrado, gasto. De repente, passa por ele um jovem e o cumprimenta: “Oi, tio!”. O sujeito era um verdadeiro fortão. Parecia um colega seu, bombado, atlético, fortão mesmo. Esse colega, quando caminhava pelo corredor, entre as salas, no serviço, dava gosto de ver. Não é que ele passava — era desfile mesmo — a camisa não conseguia esconder a musculatura.

Enfim, o “cara” o cumprimentou. Achou legal. Para seu espanto, até que se animou. Engraçado que, por pouca coisa — quando se está numa ruim — um simples cumprimento nos devolve a vontade de reagir. Apertou mais o passo, ficando entusiasmado. Passou a enxergar melhor, mais longe.

Como completara o percurso de ida, resolveu voltar, mas com outra disposição. Outra vontade.

Agora com toda energia, com todo élan. Com garra e determinação. E foi forçando o que restava da sua musculatura. Não sabia se o psicológico mudou, mas os seus bíceps acordaram. Sentia o suor resvalar pelo corpo inteiro. Até já tinha tirado a camisa. O sol inundava não apenas o corpo, mas sua alma. Tudo brilhava. Não, resplandecia. Até o “bruto”, que andava meio

taciturno, encolhido, frustrado, começava a se assanhar. Combinou consigo mesmo de chegar em casa, tomar um bom banho, se vestir e almoçar fora. E, à noite, para alguma boate na cidade mais perto e, quem sabe, executar alguém, colocar tudo em dia.

Começou a ficar cheio de razão. Abria os braços, estufava o peito. Até assoviar. Quem diria! Até duas horas atrás, sem perspectivas, sonhos acabados, sem esperanças, a curtir a própria angústia, uma agonia sem fim. E agora, renascido para a vida. Uma bola lhe surgiu aos pés, e resolveu, antes de devolvê-la, fazer umas embaixadinhas para a plateia, que ficou assombrada com o feito. Esse era o seu espírito de recomposição moral, pronto “pra” luta e outros enfrentamentos. Que venham os novos desafios. O compadre botaria “pra” quebrar. Pronto para, quem sabe, amar novamente.

E, assim, esbanjando felicidade na face, sentindo-se levitar de energia, aproximou-se de sua casa. Seu vizinho, que estava no portão, veio ao seu encontro, lépido e fagueiro, e pergunta assim de pronto, de supetão:

— Então, o vizinho já melhorou das hemorroidas?

É “pra” acabar!

CRÔNICA — ELLA

O vento soprava forte e insistentemente. Afastei a cortina e divisei, ao longe, o mar agitado. Uma massa escura se levantava sobre as águas. Era iminente um temporal. Gritei para Ella, a fim de me ajudar a cerrar todas as portas e janelas. Ella não respondeu. Como sempre, se escondia no quarto, ante a ameaça de vento ou chuva.

O vento também me incomodava, mas a chuva despertava meu ânimo, abria minha cabeça com novas ideias; o cérebro fervilhava em quadros, cenas, estórias sem fim.

Mas não podia deixar de dar atenção à Ella, importante demais para mim.

Ella apareceu assim em minha vida, assustada, descuidada, perdida na praia. Seu ar doce e ingênuo, às vezes agressivo, mas extremamente sensual e cativante, me impeliu a abrir uma conversa, de início, banal, depois, densa e profunda. Alguma coisa dentro de mim sinalizava como se fosse um reencontro. Especificamente não sei em relação a quê.

Sua história, um tanto inverossímil, sim, mas o suficiente para sensibilizar-me. Logo a mim, tão certo, tão enquadrado nas normas, me encontrava ali, em meio a centenas de pessoas, seduzido por uma desconhecida — bela desconhecida, de olhos verdes, cabelos louros como os trigaís da minha terra.

Havia prometido para seus pais, dizia Ella, que deveria ficar longe deles por certo tempo, a fim de se encontrar consigo mesma.

Seus pais a adoravam e não queriam, por nada neste mundo, perdê-la e aceitaram a ideia, até porque entendiam que devesse Ella viajar, conhecer outras pessoas, valorizar a si mesma para valorizar e compreender os outros.

Foi então que estacionou seu carro na praia e começou a andar e a andar, quando a encontrei, cansada e abatida. Perguntei se tinha onde ficar, respondeu que não. Parecia estar em choque. Imagine quanta confusão em sua cabeça. Deixar a família e peregrinar pelo mundo. Peguei em sua mão e a levei comigo. Apanhamos seu carro e fomos a um chalé que tinha à beira mar. Eu queria ajudá-la. E avisar seus pais que Ella estava bem.

O temporal havia passado, restando apenas os respingos pelas vidraças. Apenas cinco dias se passaram, o suficiente para necessitar d'Ella, querê-la em minha vida, recomeçar. Minha vida era uma colcha de retalhos. Recolhi-me ao chalé para me recompor, reorganizar minha mente. Sucesso na profissão, na política. Um desastre emocional e conjugal. Sem paz para fazer o que tanto queria: escrever. Apenas isso.

E a voz sonora e cálida ao mesmo tempo dessa pessoa que surgiu em minha vida como um temporal, mas que poderia sumir da mesma forma que apareceu. Um aperto no coração ante a possibilidade de Ella ir embora.

Percebi claramente que Ella poderia desatar todos os meus nós. Poderia ser a inspiradora das minhas ideias. Ajudar-me a colocá-las no papel. Penetrar em mim e tirar-me o que tinha de melhor. Ella poderia me tornar melhor. Não seria capaz de me

diminuir ou desmerecer, antes poderia se orgulhar de mim. E eu dela. Juntos. Clamei pelo Destino. Não queria perdê-la.

Ouvi que Ella me chamava.

Na verdade, não tivéramos ainda nenhum relacionamento físico, apenas olhares, intenções, toques fortuitos no corpo. Nada mais. Eu imaginava o que poderia vir. Quem sabe uma torrente de emoções.

Como eu a desejava em minha vida. Eu precisava d'Ella.

Quando tomei a direção de sua voz, Ella me enlaçou em seus braços, beijando-me a nuca, encostando seu corpo no meu. Senti uma força incrível a se movimentar dentro de mim, como se fosse percorrido por uma nova seiva. Suas mãos suaves e quentes continuavam a me afagar. Virei-me e a abracei com força para prendê-la a mim, para sempre.

Prometi a Ella que a curaria dos seus medos. Que o nosso encontro não poderia ser desfeito. Que tínhamos que viver juntos, mesmo que fosse ali, afastado de tudo. Contaríamos aos seus pais. E que seus projetos também se realizariam. Contei a Ella o meu medo de perdê-la. Nisso, tocou o telefone. Eu havia comunicado os pais de Ella onde ela estava. Senti um calafrio. Ella foi à sala ao lado e conversou ao telefone com seus pais.

E eu aguardava. Não poderia interferir. Apenas aguardava.

Ella retornou e simplesmente disse:

— Seu bobo, eu quero ficar. Eu te amo!

O REENCONTRO

O passado até pode ser a ferida que não cicatrizou.
Mas pode ser reencontro
Com o caminho antes não escolhido
Um privilégio do tempo: o reencontro.

Ah! Mas como é difícil escolher um caminho!
Ou mais difícil reencontrar o caminho,
E construir uma história futura
Nos caminhos do passado.

O que é mais difícil: iniciar um sentir novo ou
Reconstruir o olhar que se perdeu?
Um novo começo ou o recomeço.
O tempo no presente ou o Presente do Tempo?

O Passado no Tempo Presente
Viver o não vivido.
Saborear, aos poucos, o próprio Tempo
Que ainda não passou

Ah! Divagações. Quimeras!
Não. Certezas do Tempo
Vivências não vividas
Então, certezas de viver.
Prefiro o agora, mas com tudo isso.
Com todos os Tempos e
Vivências por viver.
Sabores e cores
Saudades recônditas.
Guardadas, indormidas.

Sentimentos, cheiros e flores.
E aquele olhar que me salvou.

Que atravessou o tempo
Dentro da minha memória
Ouvir tua voz no agora;
Sentir teu toque

Acariciar o som.
Sussurrar a palavra e,
Simplesmente, dizer:
“Ah! Mas como te amo!”

Por favor, amor, não fiques preocupada
Não são apenas palavras
Pensa, é o nosso Tempo afluando,
São dizeres de uma alma apaixonada.

(Março de 2023)

UM NOVO TEMPO

Bem sei que coisas boas me aguardam logo ali.
Devo ter calma. A calma que não tive.
Tenho que resolver pendências,
Curar tantas “sofrências”.

Muito animado, com esperanças.
Após tantas desavenças,
Vou encontrar a paz, seguramente,
Basta de viver desassossegadamente.

O tempo vai passando,
Aos poucos, tudo vai se resolvendo.
Digo-te que te sigo querendo.
Minha vontade expressa aqui escrevendo.

Bem sei que coisas boas me aguardam logo ali.
De repente, me surge um clarão.
Descubro que as coisas boas já estão aqui.
Tu, ao meu lado, segurando minha mão.

(Itapema, março de 2023)

O TEU OLHAR

O teu olhar me salvou.
Lembro até hoje.
Um olhar profundo, magnético
Penetrou-me o ser, a alma.

Invadiu meu corpo, marcou-me.
No processo de escolhas,
Não prestei atenção.
O tempo impôs-me duro golpe.

A cada instante que fora perdido,
Aparecia aquele olhar, presente,
Forte, indormido;
Insistente, determinado.

Até que um dia sacudi tudo.
Tudo que me incomodava.
Deixei fluir a força daquele olhar:
Esplendoroso, magnífico, ressurgente.

Caído, exausto, amargurado,
Aquele olhar me sustentava,
Rebrotava, me fazia renascer,
Das sombras me retirava.

Sim. Confesso que perdido estava.
Confesso que teu olhar me salvou.
No agora e sempre, caminhamos juntos.
O teu olhar me salvou.
(20 de março de 2023)

O TEMPO E O AMOR

(Magui Guima)

Certo dia tu me perguntaste:

“O que é o tempo?”

Respondi: “O Tempo é o Infinito”.

“O que é o Infinito?”, continuaste.

Respondi: “O Infinito é um Tudo e um Nada”.

“Mas então somos um Tudo e um Nada?”.

“Não. Somos um Espaço entre o Tempo”.

“Então o Espaço é importante?”.

“Sim, pois nós o ocupamos”.

“E tu”, perguntas, “quem és?”.

“Eu sou o passado, o presente e o futuro.

E tu és o movimento do Espaço,

A energia que produz a matéria,

A essência de um tudo.

Sim, tu és o Amor que ocupa

O Espaço do universo.

Tu és a dobra do Infinito,

A imensidão do Espaço.

Tu tens a forma do meu desejo,

Tu és minha porque eu sou teu Tempo”.

(Março de 2022)



MAIRA GLEDI FREITAS KELLING

membro vitalício — AIL

Maira Gledi Freitas Kelling tem como patrono, na AIL, a também professora Delminda Silveira de Souza. Graduada em Pedagogia e Direito com Mestrado em Educação. Participante ativa de Cursos de Formação Continuada de Professores no Estado de Santa Catarina, tais como Pró-Letramento e PNAIC. Professora de Cursos de Graduação e Pós-Graduação. Possui diversas publicações acadêmicas na área educacional. Atualmente

desenvolve ações pedagógicas para formação de professores das classes de alfabetização no município de Itapema. Na área do Direito, atua em defesa de crianças e adolescentes vítimas de violência. É mãe da Juliana, sua eterna amiga e confidente. Apaixonada pela educação, pela literatura e pelas experiências vividas ao longo dos encontros de amizades e profissionais.

MANHÃ CHUVOSA

Nas gotas que caem do céu,
A poesia se revela, suave e singela.
Uma manhã chuvosa desperta emoção,
Inspiração que flui como uma canção.

As nuvens dançam no céu cinzento,
Enquanto a chuva cai em seu lamento.
As ruas se enchem de vida e encanto,
Gotas que abraçam o solo em pranto.

Cada pingo que toca a terra molhada
Desperta o aroma da natureza abençoada.
As flores se abrem em um doce sorriso,
E a alma se eleva em um momento preciso.

As janelas embaçadas revelam cenas
De corações aquecidos e almas serenas.
O som das gotas é uma sinfonia melódica
Que acalma a alma e desperta a mágica.

Nessa manhã chuvosa e inspiradora,
A poesia se faz presente, vibrante e cativadora.
Que a chuva nos inspire a ver beleza em cada gota
E a transformar a vida em uma eterna nota.

TRISTE LAMENTO

No abismo da tristeza, meu coração se afoga,
Um vazio profundo que, em minha alma, se aloja.
Sinto-me perdida, sem forças para lutar,
Uma impotência que me faz querer escapar.

Busco refúgio nas asas da imaginação,
Voar para além do alcance da solidão.
Um lugar distante, onde a paz possa existir,
Onde a dor se dissolva e eu possa sorrir.

Mas, mesmo na escuridão que me rodeia,
Encontro uma faísca de esperança que clareia.
Ergo-me com coragem, um passo de cada vez,
Enfrentando a tristeza, buscando minha altivez.

Não estou sozinha nessa jornada árdua e cruel,
Há mãos estendidas prontas para ajudar-me a vencer.
A dor pode ser forte, mas o amor é ainda maior,
E, com amor e apoio, encontrarei meu fulgor.

Então, mesmo na tristeza que agora me consome,
Eu sei que há luz, que não estou realmente sozinha.
Amanhã o sol brilhará novamente no horizonte,
E encontrarei a força para seguir em frente.

RESILIÊNCIA

No jardim da vida, florescerá a esperança,
Num canto do coração, uma doce lembrança.
As lágrimas do passado se transformarão em flor,
E a tristeza dará lugar a um sorriso interior.

Cada dia é uma página em branco a preencher
Com versos de alegria e histórias a viver.
Não importa a tempestade que se faça presente,
O sol sempre brilhará, imperturbável e radiante.

O mundo é vasto e cheio de encantos a explorar,
Um mar de possibilidades a se navegar.
A tristeza é apenas um capítulo, não a história toda,
E a felicidade aguarda, serena e generosa.

Acredite em si mesma, em seu poder de superação,
Você é uma força, uma estrela em constelação.
Nos momentos de fraqueza, lembre-se de sua luz,
Erga a cabeça, sorria e siga em frente, conduz.

Você é capaz de transformar o desamparo em força,
De encontrar alegria onde antes só havia dor.
Não esqueça que a vida é uma jornada a compartilhar,
E sempre haverá alguém disposto a amar e cuidar.

QUANDO ALGUÉM SE APROXIMA COM SEGUNDAS INTENÇÕES

Uma sombra sutil oculta suas verdadeiras emoções.
É preciso cautela e um olhar perspicaz
Para discernir o afeto verdadeiro do disfarce fugaz.

A intuição, sábia guia do coração,
Pode desvendar a máscara e revelar a ilusão.
Observe os sinais, as entrelinhas sutis,
E decifre os motivos por trás dos sorrisos hostis.

Cuidado ao confiar em palavras vazias,
Que soam doces, mas escondem armadilhas.
Observe as ações, o alinhamento verdadeiro,
Pois a verdade se revela no tempo, por inteiro.

Não se entregue cegamente à primeira promessa,
Analisar os gestos e veja além da beleza.
A verdadeira ajuda se manifesta com humildade,
Sem segundas intenções, com sinceridade.

Procure conhecer o coração por trás da máscara,
Pois há aqueles que desejam apenas se aproveitar.
Confie em seu instinto, na voz interior que clama,
E afaste-se daqueles que só buscam te enganar.

Mas não deixe a desconfiança te aprisionar,
Ainda há bondade no mundo a se encontrar.
Proteja-se, mas mantenha o coração aberto
Para aqueles que genuinamente querem te apoiar.

Em sua jornada, haverá pessoas de luz,
Que irradiam amor e são autênticas, de fato.
Permita que essas almas preciosas te guiem
E encontrarás o amparo verdadeiro, sem trato.

PROFESSORA!

No universo das letras e da magia,
Uma professora, doce e encantadora,
Com sabedoria e ternura em cada dia,
Despertando, em seus alunos, uma paixão restauradora.

Com livros como portais para outros mundos,
E palavras como tesouros a desvendar,
Ela guia os pequenos passos das crianças,
Ensinando a ler, a escrever e a sonhar.

No sorriso que acende cada sala de aula,
Há uma faísca que ilumina o caminho,
A cada criança, uma história se desenrola,
Com ela, a alfabetização se torna um carinho.

Ela traz consigo paciência e dedicação,
Transformando dificuldades em desafios,
Abre as asas da imaginação
E revela a beleza dos livros e seus círculos viciosos.

Letras ganham vida em seus dedos,
Palavras ganham asas em suas mãos,
E cada conquista traz brilho aos seus olhos,
Numa dança de letras e conhecimento em vários tons.

Uma professora encantadora,
Alfabetizando com amor e magia,
Semeando sonhos na mente das crianças,
Tornando o mundo mais rico a cada dia.

E, assim, com seu jeito singelo e cativante,
Ela constrói alicerces firmes e duradouros,
Na alfabetização, um ato emocionante,
Guiando seus pupilos para futuros promissores.

À professora encantadora, nosso aplauso,
Pelas sementes de sabedoria que planta,
Transformando vidas com seu abraço
E deixando uma marca eterna em cada criança que encanta.

NO MUNDO DOS LIVROS, MEU CORAÇÃO SE ENCONTRA

Em páginas repletas de histórias e encanto.
A cada palavra, uma viagem sem fim,
Nas asas da imaginação, eu me perco assim.

Entre as linhas e parágrafos, eu me aconchego,
Explorando mundos além do que conheço.
Personagens ganham vida diante dos meus olhos,
E suas jornadas se entrelaçam aos meus desejos.

Palavras são pontes que me levam além,
Onde realidade e fantasia se entrelaçam.
Em cada livro, descubro um novo amanhã,
E, em cada história, novas perspectivas se abraçam.

Nas letras impressas, encontro inspiração,
Nas entrelinhas, desafios e superação.
Enriqueço minha alma com cada página virada,
Em cada livro, uma nova vida é desenhada.

No silêncio da leitura, encontro paz,
Viajo sem sair do lugar, sem nunca me cansar.
A leitura é um presente, um tesouro sem igual,
Que abre horizontes e me faz sonhar.

Então, que a paixão pela leitura nunca se apague,
Que os livros sejam companheiros a cada instante.
Pois, nas páginas escritas, encontro coragem,
E o mundo dos sonhos se torna incessante.

Amo ler, essa é minha confissão,
Pois, nos livros, encontro minha conexão.
Com histórias e personagens, me identifico,
E, na magia das palavras, eu me pacifico.

depois das tardes de chuva, o sol irradia e encena

O mais longo espetáculo, um show de cores e luz.
Os raios dourados pintam o céu, como aquarela serena,
E o mundo se enche de vida, renascendo em profunda cruz.

As nuvens dissipam-se como cortinas no palco,
Revelando um cenário majestoso e deslumbrante.
Os pássaros entoam sua melodia num doce trinado,
Enquanto as flores abrem-se ao sol, exuberantes.

O verde da natureza ganha um brilho intenso,
Refletindo a esperança que a chuva trouxe consigo.
Cada gota que caiu nutriu a terra, enriqueceu o solo,
E, agora, a vida resplandece em um espetáculo amigo.

Os campos se vestem de cores vibrantes,
Como um arco-íris dançando em harmonia.
E as árvores, altivas e imponentes,
Testemunham o renascimento de cada dia.

Nessa encenação magnífica, o sol é o protagonista,
Envolvendo tudo e todos em seu calor acolhedor.
Cria-se uma atmosfera de alegria e otimismo,
Como se a própria natureza aplaudisse seu esplendor.

Então, depois das tardes de chuva e melancolia,
Surge o sol radiante, trazendo nova energia.
É um convite para celebrar cada nova aurora,
E encenar a vida com amor, coragem e euforia.

Assim, a natureza nos ensina a perseverar,
Mesmo nos dias cinzentos, há sempre luz a brilhar.
E quando o sol irradia, a esperança se renova,
Como um eterno espetáculo de amor que nos envolva.



MARILEIDE LONZETTI

Membro Fundador — AIL

Marileide Lonzetti nasceu no Rio Grande do Sul, em Erechim, em 3 de março. Casada com Paulo e mãe de Yasmin, pessoas muito especiais em sua vida. Professora e educadora, função que sempre exerceu com muita paixão.

Membro-fundador da Academia Itapemense de Letras, presidente de 2004–2006, ocupa a Cadeira nº 10, tendo como patrono Visconde de Taunay.

Poetisa, possui os seguintes livros editados: *Sonhos e Encantos*, de 1999; *Poesias My*, de 2002; *Poemas para Ilustrar*, de 2003. *Versinhos de A a Z*, de 2003, que recebeu o 1º lugar no Concurso Nacional de Poesia Infantil 2006 da Associação de Escritores de Bragança Paulista–SP; *Histórias e ‘Estórias’ de um Professor*, de 2011; *Poesias Encantadas 2010–2020, Edição comemorativa de luxo*, Editora Becalete; *Talento poético*, de 2020, Editora Becalete.

AURORA

Amanheceu...
E eu aqui pensativa
Entardeceu...
Meus pensamentos misturavam-se
Anoiteceu...
Sinto que não consigo ficar
Sem sofrer, sem pensar, sem amar.
A aurora da minha vida
Transformou-se
O silêncio foi saindo de mansinho
E deu lugar ao tumulto
Renovação constante...
O céu ficou mais lindo
Ao me ver despertar
Ficou ruborizado
Embelezando ainda mais a natureza.
Amanheceu...

QUEM SOU EU?

Você é o dinamismo que enfrenta os obstáculos...

Você é a luz que ilumina a escuridão...

Você é o começo de uma nova conquista.

Tantas vezes estivemos juntas...

...nos momentos de alegria;

Tantas vezes estivemos juntas...

...nos momentos de tristeza;

Tantas experiências trocamos...

...na tentativa de solucionarmos problemas;

Tantas e inúmeras oportunidades...

...se abrem para nós compreendermos

O quanto é importante sua presença.

As recordações...

Jamais desaparecerão de nossos pensamentos...

As alegrias despertadas

Brotaram em meu coração...

Que o sol jamais deixe de nascer...

Que as estrelas brilhem com intensidade...

Que o amor a contamine profundamente

És feliz porque não estás sozinha

Tem sempre alguém ao seu lado

Apoiando-a e amando-a

Pois você é uma pessoa muito especial.

SOLIDÃO

Sozinha estou
À espera de alguém
Sinto meu pensamento fugir
E, atormentada, continuo a ficar
Sozinha estou
À procura de alguém
Minhas emoções renascem
Ao descobrir tua presença
Meu coração está inquieto
Perdi o sentido da razão
Sozinha estou
Preciso de alguém
Que me aceite como sou
Compreendendo minhas emoções
Descobrimo-me sempre mais
Sozinha estou
À espera de alguém.

ANTAGONISMO

Quero sonhar, mas não consigo
Tudo o que vejo é real
Quero viver, mas é difícil
A vida não deixa oportunidades
Quero cantar, mas não tenho voz
Sofro com o silêncio que toca meu coração
Desperto para a vida e não entendo
Quero chorar e dou risada
Tento odiar, mas declaro amor
Sou infinita para a vida e acabo
Dando-me um tempo
Vivo e acabo morrendo por você.

RECOMEÇO

Tantas vezes tentei esquecer
Mas o passado estava presente
Tantas vezes pensei em mudar
Mas o orgulho permanecia mais forte
Tantas vezes sonhei com a felicidade
Mas a incerteza tornava-se sombria
Tantas vezes falei de você
Mas o silêncio foi mais persistente
Tantas vezes procurei encontrá-lo
Mas o destino traçou caminhos diferentes
Tantas vezes pensei em recomeçar
Mas o desânimo apoderou-se de mim
O que me resta agora
É esperar que o presente
Oculte eternamente o passado
Recomeçando para o futuro
Uma nova forma de viver
Sem você, talvez.

NO ACONCHEGO DOS TEUS BRAÇOS

No aconchego dos teus braços
Sinto-me protegida eternamente
No aconchego dos teus braços
Escuto tua voz suavemente.
No aconchego dos teus braços
Não sei o que é temer
No aconchego dos teus braços
Eu só tenho é muito querer.
No aconchego dos teus braços
A fantasia torna-se realidade
No aconchego dos teus braços
Vejo, no teu olhar, muita sinceridade.
No aconchego dos teus braços
O mundo passa de mansinho
No aconchego dos teus braços
Serás eternamente meu benzinho.

LEMBRANÇAS

As pessoas querem uma lembrança
Para recordar
Uma lembrança mágica
Que não decepcione, nem acabe
Mas que possa marcar.

As pessoas querem uma lembrança
Para mostrar
A vida, os sonhos, a felicidade
A alguém que queira sonhar.

As pessoas querem uma lembrança
Para declamar
Uma pessoa, uma estrofe, um verso
A todos que queiram escutar.

As lembranças, sempre juntas
Transformaram o mundo em magia
Deixando de lado a tristeza
Só proporcionando muita alegria.

Quem souber de uma dessas
Lembranças
Pode anunciar
O endereço é escritor poeta
Alguém que iremos sempre lembrar.

CORAÇÃO APAIXONADO

Aconteceu...

Não consegui evitar.

Me surpreendeu...

Meu coração começou a amar.

No silêncio da noite

Procuro muito pensar.

No intenso brilho de sol

Meus pensamentos vão se transformar.

Sozinha, por você, estou

Contigo quero ficar

Mas se, por ironia do destino

Não quiseres me aceitar

Ferido meu coração irá gritar:

“Amo-o loucamente...”

“Amo-o com paixão...”

Vamos nos amar profundamente

Para concretizarmos a nossa união?

SUSPENSE

Demonstra-se o que quero
Ausenta-se o insuperável
Consegue-se o entusiasmo
Diferencia-se a igualdade
Os anseios continuam
A espera desperta o curioso
A alegria chega até você
Destacando a emoção
Superando a imaginação
Algo está para acontecer
A insensibilidade está oculta
O desabafo começa a renascer
Os anseios continuam
Tudo é refletido obscuramente
Causando desconforto e medo
Tornando a imaginação
Criativa e assustadora
Quando o momento se aproxima
A emoção vai aumentando
Surge o inesperado
O anseio não faz mais parte da minha vida.

QUESTIONAMENTO

Uma interrogação irei fazer
Você, quem sabe, irá responder
O quê? Para alguns, é desconhecer
Para tantos, talvez, querer entender
Mas muitos só fazem surpreender
Qual o significado para compreender?
Quem? Diferente! Que satisfação...
Melhorar sempre sem destruição
Vamos dar nossa contribuição?
Use e abuse da preservação
Ele está cada vez mais em extinção
Colabore para a concretização
O Manguê agradece a preocupação.



MARISTELA OLIVEIRA ROCHA

membro vitalício — AIL

Escritora de contos e poesias, faz publicações em redes sociais. Natural de São Borja–RS. Acredita que, através da arte, poderá tocar nos sentimentos mais profundos e sinceros e se conectar pela leitura. Graduada em Pedagogia (UNIASSSELVI–SC), formação técnica em Educação do Campo (UNIPAMPA–RS) e Alfabetização de EJA do Campo. Líder comunitária, reside atualmente na zona rural de São Borja. Procura a troca de saberes nas áreas de seu conhecimento, desenvolvendo projetos de

alfabetização de adultos. Acredita ser pela educação que encontraremos a solução.

MEU MANIFESTO

Cansei de ver tanta miséria
Um com prato cheio, outros tantos sem pratos
Cansei
De ver um adulto bater na criança
Para mostrá-la uma certeza duvidosa,
Cansei
De ouvir palavras saírem de bocas podres
Em vazio de vozes sem respeito,
Cansei
De ouvir o que falaram os políticos
Prometendo eleições e melhorias...
Enquanto, na rua, choravam bebês sem berço
Cansei
De correr atrás de um sonho que não era do meu mundo
Enquanto destruía minha própria realidade
Cansei
De ver poesias rasgadas, soltas ao vento frio da noite vazia
E se hoje digo cansei,
É porque nunca parei de lutar
É porque nunca deixei de acreditar
Nunca deixei de amar...
Talvez seja melhor cansar
De não parar de lutar.
Por um melhor meio de vida
Por um melhor compromisso com a vida.
Talvez seja melhor cansar
De não deixar de acreditar:
Num mundo mais humano
Num ser sobre-humano mais digno
Talvez seja melhor cansar

De não deixar de amar
Uma paixão ingrata
Uma ilusão sensata

Talvez seja melhor cansar
De não parar de viver!

INCONSTÂNCIA

Talvez seja esse estranho modo de amar
Que te leva para distante de mim,
Talvez seja o grande desejo de ficar
que faz com que se vá
Será talvez tua estranha maneira de ser
Que te faz tão poderoso, tão senhor de si
Se este é teu modo de viver presente-ausente?
Não importa,
Mesmo nessa inconstância de ser
Tens meu amor.

REFLEXÃO

São tantos anos vividos,
Tantas mágoas e sorrisos
São tantos sonhos perdidos
Tantas alegrias em vão
São pedras que rolando estão,
Beirando estradas sem fim
Sons de algum clarim...
ou do vento a soprar
Alguma esperança no ar.

SONHAR

... se os sonhos
Não fossem sonhos,
Em vão sonhos seriam
E quando me ponho a sonhar,
Navego em mares no além
Talvez esses sonhos meus
Sejam sonhos de amar!

DESEJO

Por um lugar de paz,
Por um lugar ao vento,
Por um lugar simplesmente só!
Onde o que se quer se faz
Não há tristeza nem lamento
Somente eu, só e o pó!

DESEJO II

Seja como você
O sol, a terra, a lua
Seja como você
O mar, o campo e a beleza nua
Seja rápido, mas eterno
Seja eterno e envolvente
Seja meu menino carente
Amigo, amante
Na tarde que cai mansamente.



SAMARA MIRANDA

membro vitalício — AIL

Samara Miranda é escritora blumenauense, realiza trabalhos e projetos culturais há mais de dez anos. Também é professora de Língua Portuguesa, coordenadora escolar, contadora de histórias e produtora cultural. Sua principal linguagem é a literatura, transitando entre a escrita e as artes cênicas. É membro vitalício da Academia Itapemense de Letras. Entre suas publicações, estão os livros infantis *Que bicho é esse?* e *Que bicho é esse? — A ameaça*. Hoje, tem como foco projetos de literatura infantil aplicados, principalmente, em escolas da rede pública de ensino, utilizando

como ferramentas de aprendizagem os seus livros e a contação de histórias.

CADA PASSO

Seus pés, finalmente, podiam tocar o chão. A sensação da areia encostando em seus dedos, da brisa leve soprando seus cabelos ainda finos e do calor do sol aquecendo seu corpo era única e incomparável para Marina.

Há dez anos, levantou-se de sua cama, silenciosamente, colocou seu roupão quentinho, calçou suas pantufas, sentou-se na ponta da mesa e escreveu as últimas palavras que compartilharia com alguém. Preparou um café fresquinho e levou uma caneca dele consigo, assim como um cobertor. Antes de sair, olhou carinhosamente para cada detalhe daquele lugar e, principalmente, daquele que sempre foi o seu companheiro e melhor amigo, Eduardo.

Sentada no cais, tomando seu café, relembrou alguns momentos importantes de sua vida, bem como de outros, um tanto descomprometidos, todos peças de um quebra-cabeças que montara a cada dia, mas que, agora, estava para encaixar a última que faltava. Não se arrependia de nada, não sentia pesar por nada, apenas paz.

Protegeu-se do frio, enrolada em sua manta, ainda com cheiro de amor. Sentiu, entre suas mãos, o calor aconchegante da caneca de café, olhou para o horizonte, puxou o ar profundamente, aproveitando cada segundo daquele sentimento de paz. Ao soltar o ar, nem o frio de seu corpo tocando o cais ela pode sentir. Ficou ali, deitada, sem pensamentos, sem recordações, sem sentimentos, apenas um corpo ao chão.

Eduardo acordou com o cheirinho de café passado, chamou por Marina. Levantou-se, percebeu a porta aberta. Sentiu o vento entrando e congelando o seu coração. Da porta de casa, viu as pegadas na areia e as seguiu. Nem de longe, o sentimento era parecido com a paz sentida por Marina: o desespero se apossou daquele homem, que viu o amor de sua vida gélida, sem cor, sem vida, caída no cais.

Já no hospital, soube que sua esposa era paciente daquele local há muito tempo. Há dois anos, ela descobrira um aneurisma cerebral e sabia que sua vida estava para findar. Os médicos a orientaram sobre tratamentos e cirurgias, porém ela dizia ter uma vida feliz, não querendo que seus últimos momentos fossem no hospital.

Eduardo ficou sem chão, sem ar, sem entender. O cirurgião explicou que aquele seria um ótimo momento para tentar fazer algo por ela: já estava desacordada. Se não fizesse a cirurgia, teriam que desligar os aparelhos e informar a hora do falecimento, mas, se a operassem, ela teria uma mínima chance de viver.

Segurou o médico pelo jaleco, olhou fixamente os seus olhos e perguntou, rispidamente, o que estavam esperando para começar.

Cinco horas se passaram sem que alguma informação chegasse a Eduardo. Aos poucos, alguns familiares e amigos chegaram, confortando-o e abraçando-o.

Dez horas depois, o médico tenta explicar o que ele também não entendia: “A cirurgia foi um sucesso, no entanto, Marina não acordou do coma”.

Na primeira semana após a cirurgia, Eduardo não saiu do lado da esposa para nada. Passava horas conversando com ela, lembrando a vida boa que tiveram e pedindo que ela explicasse o porquê de não querer acordar.

No oitavo dia, o médico e a mãe do marido praticamente o obrigaram a ir para casa. Ele tinha medo de voltar para casa, medo de que, se voltasse, nunca mais a veria. Mesmo assim, respeitou a opinião de todos.

Abriu a porta, sentou-se à mesa, que ficava de frente para a cama, e teve a nítida visão de sua esposa deitada com os raios de sol refletindo seu lindo rosto. Percebeu, sobre a mesa, uma caneta e um envelope vermelho. Pegou o envelope em suas mãos e o abriu. Eram as últimas palavras que Marina deixou para ele: “Você sempre fez com que eu me sentisse amada, espero ter feito o mesmo por você, pois o amor que sinto é pulso para cada passo que dou”.

Dois anos se passaram desde a cirurgia. Eduardo só saía do lado da esposa, quando não havia escolha. Levava flores, conversava com ela, acarinhava seus cabelos e seu rosto, contava seus planos de um futuro lindo ao lado dela. Entretanto também começara a sofrer pressão para desligar os aparelhos.

Seu amor era tão forte, passava-lhe tanta segurança de que aquele futuro existiria, que não hesitou em momento algum dos dez anos que se passaram, e os aparelhos não foram desligados.

Era uma manhã de outono, o sol entrava pela janela do hospital, e seus raios refletiam no rosto pálido de Marina. Eduardo a olhava com o mesmo amor e esperança de sempre, enquanto segurava a mão da esposa.

Sentiu um leve toque em seus dedos, porém pensou ser fruto da imaginação e do cansaço. Levantou-se com cautela, segurou suavemente a mão da esposa entre as suas, olhou em seus olhos, ainda fechados, e pediu, de todo coração, que ela voltasse para ele. Sentiu novamente um movimento tocando seus dedos. Não queria perder o controle para não assustá-la, mas o seu coração estava fora de compasso.

Continuou conversando com Marina. O médico e as enfermeiras perceberam uma movimentação diferente, resolveram se aproximar. Não acreditaram quando viram o casal olhando um para o outro, declarando o seu amor.

Dias depois, Marina saiu do hospital numa cadeira de rodas empurrada pelo seu marido. Estava com a saúde perfeita, entretanto ainda precisava de cuidados.

Já em casa, seus pés finalmente podiam tocar o chão. A sensação da areia encostando em seus dedos, da brisa leve soprando seus cabelos ainda finos por conta do tratamento e do calor do sol aquecendo seu corpo, só não se comparava a alegria de

ouvir a voz de Eduardo dizendo que, nem mesmo nesses dez anos, ele teve algum momento em que deixou de sentir o amor dela por ele.

PERMITA-ME!

Permita-me brincar:

De ficar parado, congelado.

Num galho de árvore, esticado!

Permita-me ser criança:

Brincar de pular,

Cantar e imaginar!

Fazer com a vida uma aliança!

Permita-me brincar de verdade!

Correr descalço, rolar na grama;

Fazer comigo é “pra” quem me ama!

Fazer de conta é a minha especialidade!

Nas histórias, mostro a minha sinceridade.

Permita-me ser livre, sempre!

Brincar de ser quem eu quiser!

Ouça o que eu disser!

Não compre um presente!

Se faça presente!!!

Permita-se comigo brincar!

Sentar-se no chão e imaginar!

Ser livre para pular e gritar!

Mas, principalmente, para me amar!!!

PORTAS E CHAVES

Portas se abrem, portas se fecham e, diariamente, muitas chaves ganhamos. Será que sabemos qual é a chave certa para cada porta? Lembramos que a chave não serve apenas para abrir, que ela também deve ser usada para fechar? Ao errar a chave, desistimos ou persistimos? Quais portas queremos abrir? Quais deveríamos fechar?

Todos os dias, ao acordar, recebemos a oportunidade de repensar nossas portas. Algumas estão conosco há muito tempo, já se tornaram parte da nossa vida e são realmente especiais, jamais devem ser fechadas. Será que as tratamos com o carinho que merecem? Ou, por termos nos acostumado com elas abertas, prontas para nos levarem ao caminho desejado, são tratadas como corriqueiras, comuns, sem muito valor?

Outras também já estão conosco há muito tempo, tornaram-se praticamente indispensáveis, difíceis de fechar, mas, ao abri-las, sempre quebramos a unha tentando destrancá-las, tropeçamos, batemos o cotovelo na maçaneta... Será que não está na hora de fechá-las por tempo indeterminado?

Também existem as novas portas que surgem diariamente, sempre nos trazendo surpresas: boas ou não. Ainda temos energia e entusiasmo para nos surpreendermos e agradecermos quando nos deparamos com o “novo bom”? Será que lembramos que a chave ainda está conosco e temos a escolha de fecharmos aquelas que nos trazem o “novo ruim”?

Não podemos esquecer que sempre teremos portas, mas sempre teremos chaves. Cabe a cada um de nós escolhermos quais delas nos trazem algo de positivo. E, quando, inevitavelmente, abirmos uma porta que nos faça tropeçar ou nos leve até uma rua sem saída, precisamos nos lembrar que essa não é a única porta. Podemos sofrer por ela, mas o sofrimento não pode ofuscar a beleza das outras portas e chaves que também fazem parte da nossa vida.

Sempre existirá a chave certa e a porta que nos levará para um caminho mais leve, não necessariamente fácil, mas que certamente trará mais doçura e beleza para a nossa vida.

Que possamos abrir novas e lindas portas em nossas vidas.



TATIANA TESTONI COELHO

membro vitalício — AIL

Nasceu em 1978, em São Paulo, capital. Mudou-se para Santa Catarina em 1995, onde se formou em Pedagogia. Professora há 26 anos, apaixonada pela profissão e pela arte de escrever. Em 2007, tornou-se membro da Academia Itapemense de Letras.

Casada há 25 anos, é mãe de quatro tesouros: a Ágata, de 21 anos de idade; o Cauê, de 15 anos, e o Thales e o Theo, de 11. Atualmente reside em Bombinhas, SC, perto da natureza e perto do mar que tanto admira.

Ama a vida, ama a arte! Gosta de contemplar a natureza, de observar detalhes e de estar com a família. Ela é grata pela própria história e aprendizados. Ela se considera como um ser em evolução!

A PEDRA E O PÁSSARO

Era uma vez uma linda pedra que, em seu canto, vivia. Ali, parada e quieta, via somente o que lhe acontecia ao seu redor.

A vida passava por ela, e ela ali, cumprindo o que acreditava ser o seu papel.

Até que, num belo dia de sol, um lindo pássaro azul, vivo, alegre, radiante, pousou ao lado da pedra e, com ela, começou a conversar.

Por horas, numa conversa animada, a pedra, entusiasmada por tanta vida, começou a ficar encantada com o pássaro azul.

Mas o pássaro tinha asas que o levavam para onde quisesse ir. Livre, curtia a vida, cultivava os amigos e brindava à sua existência. Então o pássaro voou para longe, e a pedra, ali sozinha, ficou triste.

Percebeu, naquele instante, que a vida lhe passava despercebida, sem emoções, sem cor, somente esperando e observando o que por ali pudesse acontecer.

Então ela se fechou absorta em seus pensamentos, e a alegria de outrora já não lhe era suficiente.

Provou, assim, o sabor da saudade e, pela primeira vez, desejou não ser mais uma pedra.

Mas o que fazer?

Ela não encontrava respostas...

O tempo ia passando, a pedra, refletindo, até que, num dia qualquer, o pássaro azul novamente surgiu.

Ela se sentiu amada, e a felicidade voltou a brilhar. O pássaro também se sentia feliz por mais uma amiga conquistar, por ver seu encanto se espalhar...

A pedra, ansiosa, pediu-lhe ajuda, e o pássaro pôs-se a pensar. Ela queria poder voar livre como ele, para apreciar os encantos da vida.

De repente, o pássaro começou a bicar a pedra, e ela, sem compreender, começou a sentir muita dor e pôs-se a chorar. Não compreendia como aquele que lhe trouxera esperança, vida, agora, estava a lhe ferir.

Novamente o pássaro voou para longe, e a pedra calou-se.

Indignada, perguntava-se por que aquele pássaro lhe havia trazido tanta alegria, tanta esperança e deixado, por fim, tanta mágoa.

Enquanto não superava a dor, a pedra não se sentia sossegada. Até que ela ouviu o bater de asas e, de repente, o pássaro estava acima dela, lhe derramando água.

Por que ele fazia isso? Ela não fazia ideia.

O pássaro retornou a voar para longe e a trazer mais água em seu pequeno bico.

A pedra, molhada, sentiu-se diferente e, então, o pássaro começou a bicar-lhe novamente. Só que, dessa vez, as bicadas não machucavam, mas transformavam a pedra.

No final do dia, depois de muito ir e vir do pássaro e de seu constante trabalho, pediu à pedra que olhasse o seu reflexo na água.

Nesse instante, ela ficou estarrecida e não compreendia como seu corpo redondo havia se transformado num lindo pássaro.

Pacientemente o pássaro azul começou a explicar-lhe tudo... “A vida o tinha transformado numa dura pedra, ressequida pelo ardor do sol. Ao bicá-la, percebi que seu corpo era constituído de barro e, assim, busquei água para devolver o que a vida o havia tirado. Com esforço, consegui amolecer o seu corpo e fui moldando-o até que virasse este belo pássaro”.

Naquele momento, tudo que era incompreendido tornou-se claro. A pedra, que agora era um lindo pássaro, percebeu o quanto a dor e a incompreensão do momento foram necessárias para a sua transformação.

O que foi dor, agora, era alegria, felicidade incabível naquele novo ser que surgia.

Mas ainda lhe faltava uma coisa que, a princípio, parecia impossível...

Como voar?

O pássaro azul percebeu sua repentina tristeza e, num gesto fraterno de muito carinho, abraçou-a num sentimento de profundo amor.

E, naquele longo abraço, algo aconteceu: a pedra, que agora era um lindo pássaro, ganhou lindas asas, que se moviam e bailavam no ar.

Os dois, juntos, sentiram o poder que o amor tem de tudo transformar e voaram para longe.

Às vezes, o novo pássaro se perdia no caminho ou enfrentava dificuldades, mas o pássaro azul sempre estava pronto a lhe dar forças, apoio e compartilhar o seu amor, iluminando, assim, o seu trilhar!

CAIXINHA DE FÓSFORO

O vento sopra do Norte, a menina caminha, cabelos rumo ao vento.

Seu olhar traduz uma infância de beleza rara.

Não, não possui bens materiais. Teve a sorte de nascer em berço pobre, onde a ganância e a luxúria passam longe.

Do Leste, ouvia a doce canção do mar. Ondas revoltas — ou tranquilas, não importava — arrepiavam-lhe a alma.

Da altura de seus poucos sete anos, sabia que, no Oeste, morava aquela que lhe havia dado a vida, mas não a conhecia.

Sem a mãe ao lado, como poderia ser feliz?

Muitos tentavam buscar explicação, outros apenas a admiravam.

Desfilava pelas ruas com o sorriso estampado no rosto.

Até que, naquele dia, um rapaz teve a ousadia de lhe perguntar:

— De onde vem tamanha felicidade?

A menina sobressaltou-se, e ele continuou a questioná-la:

— Como pode, tão pobre, sem pertences, sem a mãe, ser, assim, tão alegre?

Naquele instante, o tempo parou. Os pássaros não mais cantavam, as ondas não mais quebravam, até o vento cessou.

Os olhos amendoados da menina o fitaram. Seu olhar o penetrou e o fez sentir uma grande paz.

Sem falar, a menina deu a mão para ele e o levou até a sua pequena moradia. Ela não era a única a habitar aquele pequeno recinto. Adentraram, e a garota, cheia de entusiasmo, agachou-se e se sentou. Puxou um baú, retirou o tecido que o cobria e o abriu.

A expectativa do rapaz era grande. Havia algo de muito valor guardado ali? Seria algum tesouro perdido do qual ninguém tinha conhecimento?

Mal havia se sentado um pouco distante da menina para descobrir tal tesouro, ela retirou um pequeno objeto e entregou-lhe. O rapaz examinou sem entender qual relação aquilo tinha com os questionamentos que, antes, havia feito para a garota.

De súbito, ela rompeu o silêncio e falou:

— Isso era de minha mãe, antes de ela ir embora, quando eu era um bebê.

Retirou agora um recorte de jornal:

— Este foi a Lúcia quem me deu, quando a gente brincava em sua casa.

Agora uma pequena bonequinha feita de pano.

— Ganhei da minha amiga Sara!

O rapaz espiou o baú e avistou inúmeros objetos, todos sem valor.

Ainda não conseguia perceber como tudo aquilo pudesse ser o motivo da beleza que a menina exalava com seu sorriso fiel e persistente.

Por fim, vasculhando ainda o baú, ela retirou uma rosa dos ventos:

— Esta aqui eu recebi do meu pai. Ele sabe que eu gosto muito de encontrar pessoas vindas de todos os cantos — e sorriu.

O olhar do rapaz estava fixo na garota em busca de respostas, até que ela declarou:

— Eu sou muito feliz!!! Estes objetos parecem sem importância alguma para você, não é mesmo? Não tenho nada que valha dinheiro, minha mãe está longe, mas, ao mesmo tempo, ela está aqui comigo neste pequeno objeto. Mas não carrego somente ela aqui, carrego muitas histórias e lembranças. São provas dos momentos maravilhosos que vivi em minha vida, simplesmente porque, em cada momento desses, havia muito AMOR.

O rapaz sentiu um grande arrepio e uma vertigem. Em poucos segundos, seus pensamentos voaram longe. Pensou em sua vida e percebeu que tinha muitas coisas, dinheiro e conquistas, mas nenhuma delas era recheada de amor, apenas o sabor do querer acumular e pensar ser feliz.

A menina viu o espanto em seus olhos, levantou-se, dirigiu-se até ele e, com os braços abertos, foi ao seu encontro, dando-lhe um grande abraço.

Os braços apertados no corpo do jovem ficaram ali por uns minutos.

Depois ela se levantou, foi até a estante, pegou uma caixinha de fósforos toda decorada e entregou para ele. Com a simplicidade, a doçura e a alegria de sempre, ela falou:

— Para você sempre se lembrar de mim!

Certamente ele não precisaria de nenhum objeto para lembrar para sempre daquele abraço verdadeiro e amoroso.

Naquele instante, a resposta havia sido revelada, e ele compreendeu que a felicidade da menina vinha do que havia de mais verdadeiro: o amor entre as pessoas. E, a partir daquele dia, sua vida seria diferente.

Agradeceu-a, retribuindo com um abraço, e saiu caminhando na direção Sul com a felicidade estampada no rosto e os olhos fixos na caixinha de fósforo.

COMO É DOCE O CHEIRO DA MANHÃ

Acordar cedo é um privilégio. Escutar o canto alegre e convidativo dos pássaros para este novo dia é uma melodia sem fim.

Caminhar, respirar o ar puro, sentir o frescor do ventinho gelado nas narinas.

O sol despontando entre as árvores, ao longe, traz a certeza de um presente que é verdadeiramente uma dádiva.

Caminho, deparo-me com o quero-quero e com o joão-de-barro correndo entre a calçada e a rua.

Dirijo-me ao ponto de ônibus e avisto pequenos pontos pretos por entre os galhos e algumas folhas. Olho para conferir se realmente é o que estou pensando.

Não resisto. Aproximo-me em busca da frutinha, pequena, pretinha, ao mesmo tempo doce e azedinha.

E então, ao apanhá-la, recordo-me da infância. Tive a felicidade e o privilégio, acredito, de ter vivido numa chácara por algum tempo e, depois, tê-la frequentado nos fins de semana e nas férias. Alegria intensa quando se morava em São Paulo e vivia-se “trancada” dentro de casa.

Aquele espaço, cheio de verde, de terra, de vida, trazia doçura e dava espaço para muitas peraltices e divertimentos entre mim e minha irmã.

Subir em árvores, comer frutas do pé, brincar de casinha com comidinhas de terra e mato, rolar do morro escorregando no papelão... eram brincadeiras sem fim.

Bem, mas o que me trouxe até esses momentos de intensa alegria foram aquelas frutinhas ao lado do ponto de ônibus, num bairro de Curitiba.

Amoras... simples amoras ao ponto.

Colher e saborear foi mais que um maravilhoso café da manhã.

De repente, um moço se aproxima do ponto e me olha ali, esticando-me para alcançar as mais altas. Não pensem que era um grande pé de amora.

Era pequenino, com um galho um pouco mais grosso e outros pequenos.

Retornei ao ponto e lhe disse:

— Lembram a minha infância.

Ele deu um terno sorriso e completou:

— Agora é época.

— É... Não resisti.

Dizem que é nos pequenos frascos que estão as grandes fragrâncias, mas, naquela manhã, descobri que era num pequeno pé de amora que estavam nas mais doces lembranças.

ASAS

Pensamentos ganham forma
Nas asas da imaginação.
Voam e viajam
Para a mais longínqua direção!

Asas brancas,
 Asas azuis,
 Asas multicores...

Asas que os levam,
Asas que os trazem,
Asas que nem a saudade apagam!

Asas leves,
 Asas breves,
 Asas da perfeição!

Pensamentos sem asas,
Palavras podadas,
Ideias inertes,
Gritos sem expressão!

OH! CHUVA...

Oh! Chuva que cai
De mansinho, venha me saudar
Quero senti-la em minha pele
Quero vivê-la em meu corpo
Ao meu suor, venha se misturar
E a minha alma, assim, lavar
Regue meu espírito
Envolva todo o meu ser
Traga-me a energia dos céus
E a pureza das nuvens
Que suas gotas escorreguem por minhas curvas
Molhando as mais escondidas formas
Penetre em todo e qualquer poro
Descubra-me, revele-me, desvele-me
Refresque-me, enleve-me...



VERA REGINA WOLF SCHÜSSLER

membro vitalício — AIL

Nasceu numa cidadezinha do interior gaúcho no ano de 1960, numa família humilde de sete filhos e onde viveu até seus 28 anos de idade. Mãe de três filhos dos quais tem muito orgulho e três lindos netos, mudou-se para o oeste catarinense em 1989, onde nasceu sua filha. No ano de 1994, foi para Itapema, onde permanece até o momento. Pedagoga de formação, especializada em Gestão Escolar, Alfabetização e Educação Inclusiva e Atendimento Educacional Especializado. Professora concursada na Prefeitura Municipal de Itapema desde o ano de 1997. Sua

paixão pelas letras se iniciou em sua infância, sempre incentivada pelos professores que passaram por sua vida acadêmica. Membro Vitalício da Academia Itapemense de Letras desde 2002, ocupa a Cadeira 20, posição 1, tendo como patrono Harry Laus.

VERSOS APENAS

Há muito, a palavra me abandona
o verso inacabado aguarda, inerte
sua doce musa, a inspiração
não me ocorre pensamento algum
no abandono que, por ora, me deixo ficar
meu corpo permanece jogado na rede, enquanto
meus olhos observam a escuridão da noite
conto silenciosamente estrelas
ainda me encanta a lua,
o pôr do sol
o amanhecer
os poemas
a canção
as crianças
as flores...
O que falta então?

TRIBUTO AO RIO GRANDE DO SUL

Deixo-me levar pelas lembranças galopantes
da minha infância nos pagos gaúchos.
Lembranças que se concretizam
no cheiro do fogo de chão
da carne na brasa
no gosto amargo do chimarrão
nos sons das vozes que entoam
os hinos das tuas tradições
da gaita que arranca acordes
nas noites frias do teu rincão
nos rostos que tomam formas
nas figuras dos peões
Na saudade que invade a minha “Estância”
Chamada Coração
Nos raros “tchês” ou “barbaridade”
que escapolem de uma boca na multidão
no verde intenso dos teus campos
na força que emana desse torrão
Cavalgo nas tuas planícies
No “pelego” macio da tua imensidão
“pala” da melancolia
que envolve e protege
do minuano que ainda sopra e assovia
na distância que me separa do teu chão.

SEM RIMAS

Pesquei entre as nuvens
minhas fantasias
teci sem pudores,
minha imaginação,
beije as estrelas
reverenciei a lua
colhi flores silvestres
escalei a montanha dos sonhos
alimentei a ilusão
embrenhei-me entre os girassóis
e aventurei-me como poeta...

METAMORFOSE

Foram muitos os encontros ou desencontros, não sei...
Também não sei se foi o desejo de transformar-me
numa borboleta, de absorver tudo que me oferecias...
misturado ao teu, de libertar-me do casulo
impregnado de um magnetismo inexplicável...
Entre tantos conflitos, ousei voar...
Ah! Quão tola foi minha tentativa...
Triste e solitário voo... cujo destino é a *teia*
De verdades inegáveis, na qual me debato em vão...
Que estupidez a minha!!!
Provar o néctar que os deuses me ofereciam
embriagar-me nos teus encantos
me perder no teu olhar...
Quão estranhas são as sensações da alma!
Quão inquietantes são as dúvidas que experimento
Quão intensas são as dores que dilaceram o âmago...
Quão amargas são as lágrimas da desilusão...
Quão profundos são os abismos onde mergulho...
Quão salientes são as cicatrizes que deixastes em mim...
Quão confusos são os desejos que afloram...
Quão alto foi o preço que paguei pela minha ousadia!!!
Vivi o êxtase e a agonia em toda sua plenitude.
Já não sei distinguir a liberdade e a prisão,
prisão de sentimentos adormecidos
Quem sabe o casulo não foi minha morada segura...
Abrigo que me protegia e imunizava
das verdades angustiantes que atormentam...

ALMA

Meu espírito aventureiro
atribuo a minha alma nômade e inconstante,
que vaga nua, livre
constrói castelos nas nuvens
brinca de faz de conta com as estrelas
segreda com a lua
viaja com o vento
sem destino ou paradeiro
mas de encontro marcado com a felicidade

MÃE

Hoje, tanto tempo passado
Infinitas horas decorridas
Volto às minhas lembranças
Encontro-lhe nas memórias da minha infância
No primeiro sopro de vida
Nos primeiros passos titubeantes
Nas primeiras palavras balbuciadas
Nos braços ternos que me embalavam
E aninharam tantas vezes
Na voz suave que direcionou meus passos
No olhar de ternura que vigiou minhas noites
No colo aconchegante
que me abrigou nos momentos de incerteza.
Hoje, mãe, tanto tempo passado
Infinitas horas decorridas
Volto às minhas lembranças
Ainda vejo a mesma mulher
de incomparável beleza
Aquelas mesmas feições angelicais
que aprendi a reconhecer a partir
do primeiro instante da minha existência.
Embora o tempo tenha se encarregado
de acrescentar alguns sinais,
quem sabe das preocupações que lhe causei
das horas incansáveis de vigília,
sinais de sabedoria materna.
O mesmo tempo que, de mansinho
descolore seu cabelo.
Hoje, mãe, tanto tempo passado
Infinitas horas decorridas
Encontro apenas uma palavra para lhe definir — AMOR!

FRAGILIDADE

Traduzo-me em versos e poesia
escrevo por prazer, não por vaidade
brinco com as palavras
como uma criança com um brinquedo
talvez aí resida meu ser
se revele minha verdadeira identidade
escrevo apenas o que o momento me segreda
seja ele alegre ou triste
vivo-o intensamente
assim como rio às gargalhadas
as lágrimas rolam com a mesma facilidade
Sou de fácil leitura
não tenho segredos
o que levo na alma meu olhar não esconde
seja felicidade, desejo, amor ou paixão
Menina-mulher
menina nos sonhos, na ingenuidade,
mulher nos desejos que afloram,
entre essas duas faces, a poetisa
que se esconde nos versos
que realiza sonhos
que não disfarça sentimentos e emoções
que se desnuda inteiramente
que se liberta através da imaginação
que vaga sem destino
livre, sem pudores, sem fronteiras
que se mistura em sua essência
com a menina-mulher em toda sua fragilidade
e nesta inconstância
revelo-me ao mundo exterior
frágil, vulnerável, sonhadora...

ÊXTASE

Viajo através do vento
Chego como a chuva mansa
que desliza suave na tua janela
Entrego-me a ti
tenho todas as formas
cheiros e gostos que desejares
Chego menina ingênua, mas ferosa
transforma-me mulher
Venho em forma de botão
colha-me com ternura
desabrocha-me com tua sabedoria de jardineiro
sorve todo meu néctar
e rega-me com teu orvalho...

APELO

Toca meu corpo com ternura
Tatua minha pele alva
com delicadas mordidas
Imprime tuas digitais
na minha carne
guarda meus sussurros
como uma doce sinfonia
satisfaça meus desejos
com tuas fantasias
revela-me teus prazeres
conquista-me com teu romantismo
cubra-me com flores
seja meu homem...

FACES

Hoje sou um pouco de tudo
e muito de todo nada
parte sonho
fragmento realista
partícula de desejo
personagem imaginário
faceta controversa
fantasia perdida
verso e reverso
riso contido
lágrima solta
brisa mansa
tempestade
passageira errante
rejeito
introspecção
névoa
chuva
pó
menina
mulher
anjo
demônio
Hoje sou um pouco desse tudo
e muito de todo nada.



ZENI MARIA

membro vitalício — AIL

Pedagoga com especialização em Psicopedagogia, Gestão Escolar e Literatura Brasileira. Professora de educação infantil e alfabetização de adultos. Natural de Gaspar–SC, hoje vive no litoral de Itapema–SC. Começou a escrever na pandemia. Sua filha foi quem a descobriu poeta e a incentivou. Na escrita, consegue

expressar todos os seus sentimentos, encontrando paz de espírito e alívio da alma. No mar, encontra a maioria das suas inspirações.

É membro da Academia Itapemense de Letras — AIL desde 2022. Possui certificado de menção honrosa da Academia Rio-Pombense. Certificado de menção honrosa da Academia ALIP. Participou de 11 antologias (poesias e contos). Autora dos livros: *Deixa Eu Colocar Para Fora* — Zeni Maria 1º edição — Curitiba, 2021 — editora: Palavraeverso, e *Pulsão de Morte e Vida, Poema de Fôlego* — artesanal, 2022.

DECEPÇÃO

Ainda lembro de você nos meus braços
com sorrisos no rosto de felicidade
que o tempo transformou melancólicos
pela dor que transcende a verdade

A tristeza está marcada no meu rosto
quando olho no espelho, não me vejo
e o grito trancado no meu peito
com a alma deprimida, lacrimejo

A decepção, ao longo dos anos,
em conhecer a tua essência,
me faz perder noites de sonos

E que a vida preserve os sentimentos
que outrora valeram a pena
e as mágoas sejam levadas aos ventos.

TU ÉS A MAIS LINDA CANÇÃO

Quando olho a lua cheia
estrelas brilham no meu jardim
tua canção ecoa em mim
pétala de amor sorria

Tu és a mais bela canção
melodia que invade meu âmago
e no pouso do teu afago
abro a porta do meu coração

Que a doçura das flores
vista uma bela sinfonia
habitando na tua essência

Sonhar com o azul do céu
enfeitiçada pelo teu amor
minha alma clama ardor.

ESCREVER É VIAJAR NAS ESTRELAS

Nos meus versos, me perco tanto
viajo entre o céu e a terra
nas dores e amores do ímpeto
nesta vida complexa e efêmera

É um momento sublime e único
de prazer no encontro do eu interior
um brilho no olhar constante e lúdico
uma melodia cheia de amor

Escrever é viajar nas estrelas
se encantar pelo universo da luz
onde o belo se traduz

Minha alma flutua na melodia
no delírio que transbordada em poesia
um elixir para o meu âmago.

OUTONO

Caem folhas amarelas
no vento, rodopiam distantes
margeiam o lago como pétalas
colorindo os olhares dos amantes

E em cada amanhecer
quando abro a minha janela
sinto a alma resplandecer
brilham as cores da aquarela

Um espetáculo da natureza
que cobre o chão de outono
as folhas, com sua leveza,
flutuam, dançam no seu reino

POESIA E AMOR

Eu queria escrever poesias de amor
tão belas como corações apaixonados
com poucos versos e bem ritmados
para alcançar a alma de um sonhador

Eu queria transbordar de amor
como a chuva forte que inunda os rios
e nas linhas do caderno, com sábios
versos, contemplar com esplendor

Eu queria encontrar a beleza da flor
e colocar dentro de cada verso
em suas pétalas, ficar imerso
para sentir o perfume do amor

Eu queria um mundo perfeito
onde não existissem dores
para meus versos jorrarem amores
e, nas palavras, só existir afeto.

MEU POEMA

É grande
imenso
cresce a cada dia
na ânsia de abraçar
o mundo.
Um sonhador
inconsequente
que flutua
dia e noite
percorre
o céu e a terra
na busca
do diferente.
Procura o brilho
o encantamento
quer experimentar
nos olhos
o sabor
da vida.
No peito
o pulsar
diferente.

FABIOLA (FILHA)

Dos seus sonhos
tece amor
de sua cabeça, sabedoria
do seu sorriso, estrelas
de dia, nascem centelhas
com insight de ternura
de noite, lua cheia
com lampejo de luz
Ela....
Quer alcançar o azul do céu
encontrar o brilho das estrelas
pegar nas mãos
e transbordar amor colorido
com sabor doce de mel
que goteja no coração
e pulveriza o mundo.
Com asas de anjos
alcança o alto das montanhas
a profundidade do mar
rastreia sua essência
“pra” bordar amor

GRANDE AMOR

No silêncio da noite, ouço
tua voz ecoar no meu ouvido
sentimento doce, nunca esquecido
assim como o sol, me aqueço

Amo-te como uma noite de lua cheia
teu sorriso me fascina e encanta
querer o bem onde nada consta
e repousar em mim a fantasia

Tu és meu grande amor
desejo insaciável sem pudor
corpos celestiais luminosos

Amor que jura ser eterno
para nutrir meu âmago
em teus braços, me entrego

RELÓGIO

Olho no olho
punho cerrado
nunca adormece

Silencia a alma
engole segundos
minutos e horas

Finda o dia
aprofunda a noite
para
cuidar da vida
e da morte

PALCO

Na passarela
desfilam
carcaças
sem alma
de um abismo
intenso
resquícios
de humanidade
desmemoriada.

MEMÓRIAS EM FOTOS

CERIMÔNIAS DE FUNDAÇÃO DA AIL



Na Academia Catarinense de Letras
Florianópolis-SC — dia primeiro de setembro de 2000





Academia Itapemense de Letras
Em Itapema-SC — 14 de setembro de 2000



MOMENTOS — AIL



André Gobbo passando a faixa de presidente



Maria de Lourdes Cardoso Mallmann discursando em 2002



Membros AIL, em 2002



Membros AIL, em 2004



Membros AIL, em 2007



Membros AIL, em 2008



Membros AIL, em 2010



Membros AIL, em 2021



Membros AIL, em 2022

AÇÕES AIL



Concurso Literário Cecília Meireles — AIL, em 2001



Primeiro Simpósio Sul Brasileiro de Academias de Letras
Itapema-SC, em 2003







**Acadêmicas participando da Hora do Conto da Escola Bento Elói
Itapema, SC**



**Poemas nos Pontos de Ônibus
Itapema, em 2010**

CONCURSO LITERÁRIO — O PENSADOR



Concurso Literário O Pensador I — Itapema — 2005



Concurso Literário O Pensador VI — Itapema — 2010



Concurso Literário O Pensador IV — Itapema — 2010



Concurso Literário O Pensador VII — Itapema — 2022



Concurso Literário O Pensador VII — Itapema — 2022

LUIZA MACHADO DOS SANTOS

**MAGNUS FRANCISCO ANTUNES
GUIMARÃES**

MAIRA GLEDI FREITAS KELLING

MARILEIDE LONZETTI

MARISTELA OLIVEIRA ROCHA

SAMARA MIRANDA

TATIANA TESTONI COELHO

**VERA REGINA WOLF
SCHÜSSLER**

ZENI MARIA

ANDRÉ GOBBO

CARLOS HIGGIE

CÁSSIA CRISTINA DA SILVA

EDUARDO BARBOSA

ESTELLA PARISOTTO LUCAS

HAROLDO AUGUSTO MOREIRA

ILDA HELENA CEZAR

IVO GOMES DE OLIVEIRA

JUELY ANETE TORTATO

Uma Antologia Literária
transmite veracidade,
emoção e encanto
através de suas histórias
e seus poemas.

Transforma sonhos em
realidade, levando o leitor a
fazer parte da magia que é o
mundo das letras.

A partir dessa perspectiva, a
"Antologia Literária" da
Academia Itapemense de
Letras, apresenta a sua
história desde a fundação no
ano 2000 até os dias atuais.

Conta sua atuação como
instituição literária, seu quadro
de membros e as
contribuições culturais à
sociedade em geral.

Por fim, mas não menos
importante, contempla obras
literárias de seus escritores
e presta, assim,
homenagem pelas suas
expressivas atuações.



EDITORA BECALETE
Livros e Encantos

ISBN: 978-85-7214-111-6

e-book

www.editorabecalet.com.br - @editorabecalet